George Walsh

ANNO V
NUMERO 218

Para todos...

PÓ DE ARROZ

LADY

E' o melhor e não é o mais caro

PREÇOS:

Caixa grande . . . . . Rs. 2$500
Pelo correio . . . . . Rs. 3$200
Caixa pequena . . . . Rs. $500

A' venda em todo o Brasil

Perfumaria Lopes

Matriz: — R. Uruguayana, 44 } **RIO**
Filial: — Praça Tiradentes, 38

Não nos responsabilisamos pelo producto vendido por menos dos preços acima.

Sabonete "DORLY"— Não ha melhor.

Lady

PÓ DE ARROZ COMPACTO ADHERENTE

Companhia Brasileira de Immoveis e Construcções

Ultimas casas construidas pela Compª
— Rua Copacabana — nº 1057.
— Prestação 645$815 rs.

TODOS PODEM SER PROPRIETARIOS...

Comprando o terreno á Companhia, esta construirá immediatamente a sua casa, cujo pagamento suave, em prestações mensaes, corresponderá ao aluguel que V. S. paga actualmente.

48, AVENIDA RIO BRANCO

"Illustração Brasileira", magazine illustrado, collaborado pelos melhores artistas e escriptores nacionaes e estrangeiros.

QUE ASCO...!

Se a Junta da Hygiene Municipal fosse mais zelosa no cumprimento de sua delicada missão, não deveria consentir que nas bellas ruas do muito culto e civilisado Rio de Janeiro se dessem scenas como aquella que está representada na nossa artistica gravura.

Não é bastante, e até cremos que é absolutamente inutil fixar cartazes como o de "E' prohibido escarrar na calçada", que a cada instante se burla e até nas barbas e com grande paciencia dos proprios representantes da autoridade, que se riem deste mandamento, como de muitos outros do mesmo decalogo.

A solução disso seria instituir um corpo de varredores humanos, e assim como se recolhem ebrios da rua, recolher "sujos" e leval-os á força a um balneario especial, atal-os a um poste e deitar-lhes em cima alguns barris d'agua, por meio de um aspersorio, friccionando-lhe o corpo, ainda que fosse mesmo com papel de lixa, porém tudo isto acompanhado, principalmente, de uma boa profusão de bom sabonete.

Naturalmente que o sabonete indicado para essa regeneração corporal não poderia ser outro senão o celebre Sabonete de Reuter, que, ainda que apparentemente um pouco degradado em suas funcções elegantes, por este infimo e pouco esthetico serviço, seria o unico capaz de exercer efficazmente esta funcção caritativa, não incorporada nas Obras de Misericordia, pois ao lado de "Dae de beber a quem tem fome", etc., deveria fazer-se uma que dissesse: "Ensaboar bem o porco, fazer-lhe a barba e raspal-o bem até lhe sahir a pelle..."

Depois vestil-o com roupas limpas e hygienicas, e fazel-o ganhar, trabalhando, não só para obter o pão de trigo de cada dia, como tambem para obter o Sabonete de Reuter, primeiro regenerador da sua saude e de seus costumes.

AS FUTURAS ESTRÉAS

CLARENCE, DA PARAMOUNT

Quem pensa que conhece bem Wallace Reid, engana-se. Neste film o nosso velho amigo se revela um actor inteiramente novo.

Elle é realmente extraordinario.

Os seus admiradores não hão de gostar de vel-o neste papel, porque elle não apparece sympathico e elegante mas alguns delles hão de reconhecer que é um trabalho excellente. A fita é uma destas super-producções de William De Mille que, dia a dia, vae melhorando. Elle conseguio um encanto particular na pessoa de Agnes Ayres e para o papel de Cora arranjou a figurinha de May Mac Avoy. Ha alguns cochilos na adaptação.

TRIFFLING WOMEN, DA METRO

Quem gosta de ver scenas horriveis, que fazem arrepiar os cabellos, apreciará todo este film, com a excepção do final, que é suave. E' peritamente dirigida e o trabalho de Barbara Le Mar como sereia de Paris, é explendido. Ramon Navarro e Lewis Stone tambem vão bem. Ha scenas que fazem tremer a gente. Eu não levo a minha tia Clara para ver, por que ella tem o coração muito fraco.

THE FACE IN THE FOG, DA COSMOPOLITAN

E' dramatico e emocionante. Seena Owen apparece como uma linda grau duqueza da Russia e Lionel Barrymore como um ladrão reformado que salva todo o mundo da morte mais violenta.

Finalisa com uma das mais formidaveis luctas que jámais vi na tela. Receiei até que Lionel não podesse mais representar Romeu no theatro...

Gustav von Seyffertitz dá-nos uma das suas maravilhosas caracterisações.

UNDER TWO FLAGS, DA UNIVERSAL

Foi, com certeza, um director inspirado que escolheu Priscilla Dean para o papel de Cigarette. Entre todas as artistas que conheço, é ella a mais adequada para a heroina da velha historia de Ouida, porque possue o verdadeiro sentimento do personagem. Eu já li muito a respeito e tinha a idéa duma Cigarette muito differente das que vira representar. Mesmo Blanche Bates, no theatro não era completa. Mas agora Priscilla a representou de uma fórma convincente e como realmente deve ser.

A historia tem alguns senões, mas está tão bem representada que nem se notam as inverosimelhanças. Os artistas são bons, embora eu já esteja cançado do modo de Stuart Holmes representar um vilão.

OLIVER TWIST, DA FIRST-NATIONAL

O typo de Oliver que conheço, é de um menino magrinho, anemico, de seus dez annos, mas com maneiras já de um rapaz. Jackie Coogan tem seis annos e é bastante differente. Bom, mas não sou juiz de garotos.

Billy Sikes foi muito bem representado por George Seigmann e Gladys Brockwell interpretou Nancy justamente como devia.

Se o leitor gosta de Jackie Coogan, não perca este film, mas não espere encontrar o Oliver Twist que Dickens descreveu.

THE OLD HOMESTEAD, DA PARAMOUNT

O film sahiu um melodrama misturado com comedia, com um villão, um roubo, uma fuga e um furação tão grande como a tempestade de *Way Down East*.

James Cruse dirigiu o film com muita realidade. Thedore Roberts, embora esteja longe de ser o typo de Deuman Thompson, vae bem algumas vezes. Kathleen O' Connor faz o papel de Rosa

LORNA DOONE, DA FIRST-NATIONAL

Maurice Tourneur é um director habil. Elle apanhou o verdadeiro espirito dessa velha historia ingleza. Ha scenas boas e outras absurdas.

Acho excentrico demais John Bowers se atirar de uma quéda d'agua de cem pés de altura, para visitar Lorna. Madge Bellamy muito bonita, com alguma cousa de bizarro nos costumes do tempo.

A TAILOR MADE MAN, DA UNITED ARTIST

E' um desapontamento. Os films de Charles Ray quando eram dirigidos por Jerome Storm ou por Julian Joseph eram interessantes, mas actualmente nada tem sahido que preste. Este então, quando eu o vi, chegou a doer-me o coração! E' peor do que todos aquelles que elle proprio tem dirigido. Nada tem de valor.

Aconselhamos ao Sr. Ray, pedir soccorro e voltar a trabalhar com o pessoal antigo.

THE BOND BOY, DA FIRST-NATIONAL

Quando vou ver um film de Richard Barthelmess, vou com a esperança de ver cousa tão boa ou melhor do que *Tol'able Davixd*. Elle o fará, estou certo, mas neste film ainda não fez. Mary Alden dá-nos mais um bello trabalho, interpretando o papel de mãe. Dizem que a historia original estava muito melhor e que o film foi muito cortado por conveniencias commerciaes, prejudicando bellas scenas

WOMAN'S WOMAN, DA ALBION

Mary Alden está destinada a só representar papeis de mãe, e no entanto, quando interpreta um papel de joven, o faz encantadoramente. Não sou contra semelhantes papeis, principalmente quando é tão bem representado como em *The Old Nest*. A historia não é nada de mais.

RAGS TO RICHES, DA WARNER BROTHERS

Assumpto batido. Para fazer um velho melodrama, como elles me disseram que isto era, e alcançar successo na tela, só Griffith.

PINK GODS, DA PARAMOUNT

Uma historia de pedras preciosas. Neste film, os diamantes fazem a ruina de Bebé Daniels que os rouba de uma mina sul africana.

James Kirkwood faz o dono da mina e Anna Nilsson uma senhora que é o contraste de Bebé.

THE MAN WHO PLAYED GOD, DA UNITED ARTISTS

Historia desinteressante escripta por Gouverneur Morris. George Arliss vae bem. O film póde estar estragado pelos outros artistas, mas não por elle. O trabalho dos coadjuvantes Ivan Simpson e Ann Forrest, é bom. Mal adaptado á tela, não se percebe a moral do film.

UM CONTO PARA TODOS

A HISTORIA DO FANTASMA INEXPERIENTE

POR H. G. WELLS

De H. G. Wells, o grande novellista britannico, é desnecessario fazer o elogio. As obras sahidas da sua imaginação genial, da sua incomparavel fantasia, gosam hoje da admiração do grande publico em todas as nações civilisadas. Raras pessoas desconhecem livros como "O Homem Invisivel", "A Machina de explorar o Tempo", a "Guerra dos Mundos". Extrahido da collectanea "Doze Historias e Um Sonho", apresentamos aos nossos leitores um dos seus contos mais interessantes.

RECORDO-ME perfeitamente das circumstancias em que Clayton nos narrou a sua ultima historia. Durante quasi todo o tempo em que nos falou, permaneceu sentado defronte da espaçosa chaminé, n'uma poltrona de carvalho antigo, e junto d'elle installára-se Sanderson, fumando um d'esses cachimbos de barro que levam o seu nome. Estavam presentes, ainda, Evans e Wish, o actor entre todos maravilhoso, que é tambem um homem modesto.

N'aquelle sabbado, todos chegáramos ao Mermaide Club pela manhã, com excepção de Clayton, que tendo chegado na vespera, lá passára a noite, o que, aliás, lhe forneceu o começo da sua narrativa.

No correr do dia inteiro jogaramos o "golf" até não enxergas mais as pélas. Agora, após o jantar, nos achavamos n'esse estado de tranquilla benevolencia em que se tolera de bôa vontade que uma historia seja contada. Quando Clayton principiou a contar a sua, pensámos que mentisse. E é bem possivel que mentisse... mas o leitor, dentro em pouco, estará tão capaz de julgar d'isso como eu.

Na verdade, elle começou no tom da anecdota banal, e d'ahi pensarmos que aquillo não fosse senão uma ficção sua.

— Digam-me então, — pediu, depois de ter considerando demoradamente os jactos de scentelhas que subiam dos tições remexidos por Landerson, — os senhores sabem que na noite passada eu estava sósinho aqui.

— Sósinho... sem contar os creados, — corrigiu Wish.

— Que dormem na outra ala do edificio, — precisou Clayton. — Pois bem...

Tirou algumas baforadas do charuto, como se ainda hesitasse em fazer-nos as sua confidencias.

Depois, o mais tranquillamente do mundo, accrescentou:

— Capturei um fantasma.

— Capturou um fantasma! Não é possivel — exclamou Sanderson. — Onde está elle?

E Evans, que tem uma immensa admiração por Clayton, e que, da estadia d'um mez em Norte-America, guardou na voz um tom fanhoso, exclamou por sua vez:

— Você capturou um fantasma, Clayton? Estou encantado! Conte-nos isso depressa.

Clayton declarou que ia fazel-o immediatamente, e pediu-lhe que fechasse antes a porta. Ao mesmo tempo, olhava-me com um ar de quem quer desculpar-se.

— Ninguem vem escutar ás portas, é evidente, mas é inutil alarmar os serviçaes com historias de apparições. Ha aqui em demasia recantos sombrios, armações e decorações para arriscar essa brincadeira. E o meu visitante não era um fantasma perfeito, creio mesmo que nunca mais voltará... nunca.

— Mas então... não o conservou preso? — perguntou Sanderson.

— Não tive coragem para isso, respondeu Clayton.

Sanderson externou a sua surpreza. Puzemo-nos a rir, e Clayton mostrou-se pezaroso.

— Comprehendo-vos — murmurou com uma especie de sorriso. — O facto, porém, é que se tratava realmente d'um fantasma, e eu estou tão convencido d'isso como de estarmos todos aqui, n'este momento. Não estou troçando, e sei muito bem o que digo.

Sanderson, com o seu olhinho vermelho, fixo em Clayton, aspirou uma longa baforada do cachimbo, lançou depois um fino jacto de fumo, d'uma maneira que dizia mais do que um grande numero de palavras. Clayton desprezou este commentario.

— E' o caso mais extranho que já me aconteceu na vida. Sabem os meus amigos que eu nunca acreditei em apparições, nem em nada semelhante, nunca, antes d'isto... Eis, porém, que vou agarrar um, n'um recanto da casa, e foi preciso livrar-me d'aquella, sósinho.

Meditou ainda mais profundamente; depois, tomando um charuto, pôz-se a cortal-o com um curioso instrumentosinho que muito estimava.

— Você falou-lhe? — perguntou Wish.

— Durante cerca de uma hora.

— Palestra divertida? — interroguei, pondo-me do lado dos scepticos.

— O pobre diabo estava em grande afflicção, — disse Clayton fixando a ponta do charuto, e deixando transparecer um leve tom de reprovação.

— Soluçava? — perguntou alguem. Clayton deu um profundo suspiro, evocando a sua recordação.

— Meu Deus! sim, — disse — Pobre rapaz! sim, soluçava.

— Você bateu-lhe então? — perguntou Evans com o seu melhor accento americano.

— Nunca me figurára que triste individuo podia ser uma alma do outro mundo, disse Clayton, fingindo não ter entendido.

Ainda uma vez, deixou-nos em suspenso, emquanto remexia os bolsos procurando phosphoros, e accendia o charuto.

— Aproveitei a circumstancia — disse finalmente.

Nenhum de nós manifestou impaciencia. Elle continuou:

— Um caracter permanece o mesmo, ainda que esteja desencarnado. E' um facto que esquecemos demasiadamente. As pessôas que possuem intenções solidas, vontade firme, produzem almas com intuitos tenazes e decididos. A maior parte das almas que "voltam" realmente deve ter essa idéa fixa como monomaniacos: é necessario que tenham uma obstinação de mulas, e aquella pobre creatura não a tinha.

De repente, levantou a cabeça com um ar muito extranho, e o seu olhar percorreu a sala.

— Digo isto com toda a benevolencia, — continuou, — mas é, no presente caso, a pura verdade. No primeiro lance d'olhos, vi que era um debil.

Com um geito no charuto, sublinhou esta phrase.

— Cahi-lhe em cima no corredor. Voltava-me as costas, e fui eu que o vi primeiro. Sem demora comprehendi que era uma alma do outro mundo. Era transparente e esbranquiçado; atravéz do seu busto, eu via o scintillar dos vidros da janella. Além do physico, a sua attitude tambem me persuadiu da sua fraqueza. Tinha o ar de quem não sabe absolutamente o que quer fazer. Passava uma das mãos pela parede, emquanto a outra tremia sobre a bocca. Tal como eu faço...

— Que especie de physico tinha elle? — perguntou Sanderson.

— Magro. Conhecem esse pescoço de rapaz que indica duas compridas cavidades nas costas, aqui e aqui... E uma cabecinha mesquinha, os cabellos encaracolados, orelhas talvez disformes, pessimas espaduas, ainda mais estreitas que os quadris, um collarinho amarrotado, um sobretudo curto, de confecção, calças com joelheiras e um pouco poidas nos extremos. Eis a impresão que elle me deixou. Eu subia a escada, de mansinho. Não trazia luz, como podeis suppôr... as vélas estão no patamar, e só ha esta lampada... Achava-me de chinelas, e percebi-o ao subir. Dando com elle, suspendi o passo... para capacitar-me da situação. Não sentia medo nenhum. Creio que, na maior parte destas historias, nunca se fica tão assustado ou excitado como se imagina. Eu estava surprezo e curioso. "Meu Deus, dizia com os meus botões. Eis uma apparição, emfim! E eu que ha mais de vinte e cinco annos não acreditava nas almas!"

— Hum! " fez Wish.

— Logo que alcancei o patamar, elle me notou lá. Virou rapidamente a cabeça para o meu lado e eu vi uma fresca physionomia de rapaz, um nariz fino e curto, um bigodinho torcido, um queixo reentrante. Permanecemos assim um momento a entreolhar-nos, examinando-me elle por cima da espadua. Então, pareceu lembrar-se das suas altas funcções. Voltou-se completamente, inteiriçou-se em todo o seu comprimento, projectou a cabeça para a frente, levantou os braços, estendeu as mãos abertas, tal como costumam fazer as almas do outro mundo, e adeantou-se para o meu lado. Ao mesmo tempo, deixava cahir o maxillar e proferia um som fraco e exquisito: "Bu - hu!..." Não, não era de modo nenhum, assustador. Eu jantára copiosamente, seccára uma garrafa de "champagne, e, como estava só, absorvêra talvez dois ou tres, talvez mesmo quatro ou cinco "whiskies..." Em tal maneira que me achava solido como um rochedo, e não mais atemarizado que se tivesse sido assaltado por uma rã... "Bu!" repeti. Nada de troças! O senhor não é da casa. Que vem fazer aqui?" Vi-o estremecer. "Bu-hu!" fez ainda uma vez. "Bu! Já chega d'isso! E' algum membro do club?" perguntei. E afim de mostrar-lhe bem que não dava importancia aos seus trejeitos, dei um passo atravéz d'um pedaço de sua pessôa para accender uma véla. "O senhor é membro do club?" insisti, vigiando-o com o rabo do olho. Collocou-se de lado para que eu não continuasse a invadil-o e tomou uma attitude desconsolada. "Não, respondeu á persistente interrogação do meu olhar. Não, não sou membro do club... Sou um fantasma". — "Muito bem, mas isso não o autoriza a gozar das vantagens do club. Quer ver alguem? Em summa, a quem é que o senhor procura aqui?" Accendi a véla, com a mão o mais firme possivel, para que elle não tomasse como effeito do medo a leve agitação produzida pelo "whisky." O castiçal á mão, fiz-lhe face. "Que é que procura aqui?" insisti de novo. Deixára cahir os braços, cessára de articular o seu "bu-hu", e ficava para alli, desageitado e estupido, phantasma d'um rapaz fraco, idiota e irresoluto.

— Faço uma apparição", balbuciou.

— "Quem lhe deu licença para isso? perguntei tranquillamente". — "Sou fantasma", disse como desculpa. — "E' possivel, mas o senhor não tem o direito de fazer o fantasma aqui. Esta casa é um respeitavel club particular; muitas vezes vem gente aqui com as creanças e as amas, e, da maneira descuidosa por que o senhor "assombra" este corredor, qualquer menino poderia tropeçar nas vossas pernas, e o resultado d'isso seria cahir doente com o susto. Creio que o senhor não reflectiu n'isso". — "Não, não pensei em tal." — "Deveria ter pensado. Nada o autoriza a vir aqui, não é? Não foi assassinado n'este logar? Não lhe aconteceu n'esta casa nenhum contratempo d'esse genero?" — "Nenhum, senhor".

"Mas eu pensava que, n'um immovel velho e cheio de armações vasias..." — "Não é uma desculpa isso, interrompi, olhando-o severamente. Certifico-lhe que erra, vindo aqui," ajuntei em tom de affavel superioridade. Remexi no bolso, fingindo inteirar-me se tinha phosphoros, depois, levantando a cabeça, fixei-o novemente, e continuei:

"Si eu estivesse no seu logar, não esperaria o canto do gallo, e abalaria em seguida". Pareceu muito embaraçado. "O facto é que, senhor..." principiou. — "Eu desappareceria immediatamente..." repeti, para que elle não se enganasse. — "O facto é, senhor, que... a culpa não é minha... mas... eu não posso". — "Como! Não póde?" — "Não, senhor. Ha alguma coisa que eu esqueci. Agito-me aqui desde a metade da noite passada, occultando-me nas armações e nas salas vasias... já estou atordoado. Ainda não fizera nenhuma apparição, e já não sei mais como arranjar-me..."

(Continúa no proximo numero)

Para todos...

Rio de Janeiro, 17 de Fevereiro de 1923

POIS DANSE AGORA...

ARLEQUIM nasceu em Athenas, quando o sol andava na adolescencia e ainda não se publicavam jornaes. Naquelle tempo, havia uma graça feliz na vida. A Liga pela Moralidade era um germen perdido na grande natureza... Aphrodite sahiu sem roupa do mar e ninguem protestou. Ao contrario, foi até muito applaudida. A' sombra das oliveiras, acompanhando pelo céo sem nuvens o vôo alegre das cegonhas, Arlequim, meio nú, meio vestido, sorria... O sorriso de Arlequim fez o primeiro commentario, verdadeiramente philosophico, sobre o mundo e seus habitantes. O velho Socrates aproveitou-o para inventar a ironia. O tempo caminhou. A terra envelheceu. Mas Arlequim continuou igual. Só mudou de figurino. Elle assistiu aos varios espectaculos, mais ou menos interessantes, da chamada evolução humana... Cada época, das que vão surgindo e desapparecendo, supera a anterior; e a ultima, se acontecer que alguma dê em ultima, realisará a perfeição... Como será a perfeição? Quem sabe se ella já não existe junto de nós, sendo hoje, no nosso julmento, imperfeitissima?... Arlequim gosta de viver, embora tenha que ir, todos os annos, ao Baile dos Artistas... Esse baile reproduz o destino das pessoas infelizes: está sempre para melhorar... Arlequim, de casaca preta e loup, percorreu, nas quatro noites contentes, os salões de dansa. As cigarras seguiram o conselho daquella remota formiga: puzeram-se todas a dansar... — Então, eu sou cigarra?... — Você tem sido tanta cousa, minha filha... Que lhe custa mais esta?...

ALVARO MOREYRA.

No Club Central, de Nictheroy

OSCAR Wilde gostava immenso de falar de si mesmo, sendo o menos egoista dos homens, pois combinava perfeitamente um individualismo excessivo com o mais largo e generoso altruismo. *E a vaidade não lhe* escondia o desejo de sacrificar-se pelos outros. *Era como se a sua natureza forte se rebelasse contra o proprio procedimento anterior.*

Certamente não contrariava os instinctos para ser agradavel aos indifferentes nem tão pouco dividia o ultimo shillling com um amigo; mas — o que é infinitamente mais raro — estava sempre prompto a abster-se do superfluo em favor dos camaradas. Esse facto exige uma grande generosidade. O typo do bemfeitor, como o imagina o povo, sacrifica apenas seis pence. Conheci Oscar Wilde e affirmo que o poeta não dava um penny, MAS ENTREGAVA CEM LIBRAS.

No theatro Phenix

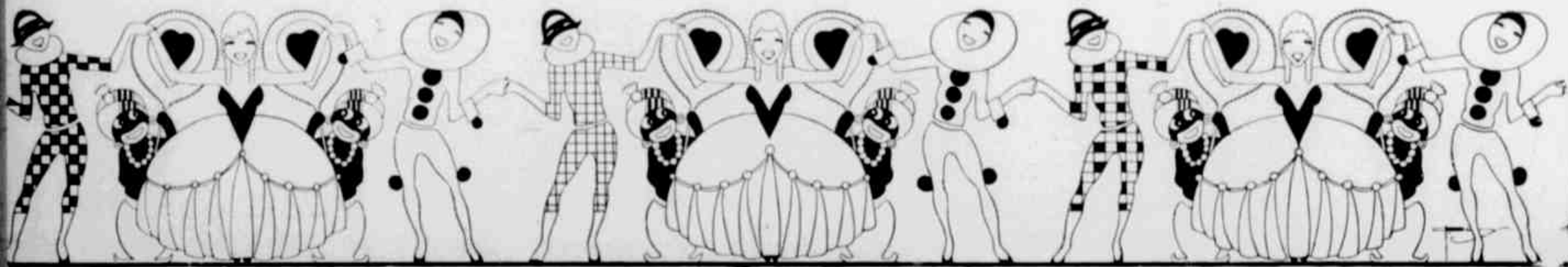
Com o conforto assegurado, não havia grandes esforços em fazer caridade mesmo quando a caridade impunha pequenas privações; e todos quantos o conheceram, acompanhando cuidadosamente a sua existencia, podem affirmar a verdade destas palavras, sem condemnar como egoismo aquillo que era apenas simples desejo de falar de si mesmo. Tão intensa era a sua alegria de viver que tudo parecia crivel menos as privações para o seu temperamento. Tornava-se um prazer vêr a satisfação com que comia, o deleite com que vestia roupas confortaveis, a sua confiante gratidão para com todas as grandes coisas da existencia. Lembra-me da alegria infantil com que vestia certa vez um sobretudo novo. Mergulhou delicado nas confortaveis dobras, e murmurou:

— Elegante e quente...

Tudo isso era como um absoluto direito adquirido por tão superior natureza — gosar a vida dos sentidos, espectaculo aliás de desagradavel relevo naquelles tempos de falso puritanismo e de infames tartufos. E Wilde commettia esses crimes de sensualidade franca e abertamente.

◇

"FLORESTA E ARTE"

A revista "Floresta e Arte", *que se edita em Curityba, Estado do Paraná, é divulgadora da nossa riqueza florestal e industrial. O ultimo numero é dedicado ao Pinheiro Paranaense, a* "arvore das sorprezas" pelas innumeras applicações que ella tem em muitas industrias.

Ba-ta-clan

ARLEQUINADA...

Num conjunto de côres futuristas,
E's o encanto do Baile dos Artistas.

Guiso louco de graça e leviandade...
Alma d'esta diabolica Cidade...

Andam Pierrots nadando em desventura,
Bebedos pela tua formosura...

E alguns polychinelos desvairados
Torcem os corpos desarticulados

Para roçar a ponta dos teus dedos...
Elles são, pobresinhos, uns brinquedos

Nas tuas mãos inconscientes... Fazes
De fantoches um bando de rapazes.

Vês como o Ovalle te ólha e o Luiz e o Backes
E o Helios fingindo hystericos ataques ?

Nuns arlequins modernos e gritantes,
Erguem no espaço os braços delirantes

E ficam extasiados a espiar-te,
Porque és perfeita como um sonho de arte.

Cada sorriso que se despetala
Da tua bocca, é um beijo que trescala.

Mas a tua alma frivola repelle
Todos e vibra apenas por aquelle

Que não te quer ou finge não querer-te.
Elle ahi vem. Já transpoz a porta. Ao ver-te,

Poz no labio um sorriso de arrogancia.
Vê só com que britannica elegancia

Elle tira a cartola e a pélerine.
E como beija a mão da Alda Guastine !

Olha a Dora como o ólha e a Margarida...
Tomaram-n'o de todo. Estás perdida.

A Nair poz-lhe um cravo na lapella.
A Nair é sem duvida a mais bella.

E' d'ella que elle gosta com certeza.
Repara bem, repara, a natureza

Do olhar com que ella o envolve. E que malicia !...
Como deve ser lubrica a caricia

Das suas mãos de principe encantado...
— Vamos mudar de assumpto ? — Olha o cuidado

Que elle tem com a Nair ! Compoz a rosa
Que ella traz na cabeça deliciosa...

E beijou-a nos dedos... — Mas que gosto
Que você tem em torturar-me... — O rosto

D'elle, mudou um pouco de feitio.
'Stá mais gordo ou mais magro ? — Mais sombrio,

— Mais triste com certeza porque sente
Amor por outra. — Quem lhe disse ? — A gente

Não precisa saber, percebe logo...
O olhar é que não muda. Este é de fogo.

E apunhala e é romantico e fascina.
Elle ainda te chama COCAINA *?*

— Não, me chama Saudade. *Hoje é meu fado*
Ser a recordação do seu passado...

Meu Arlequim de Sonho, esbelto e fino !
Foi elle quem creou no meu Destino

Esta flor que em meus olhos se embalança:
Chamam-lhe Vida. Eu chamo-lhe Esperança.

Por elle pulsa um coração sereno
Que é o meu. Sinto nas veias o veneno

Que elle me dá na bocca com o seu beijo.
E este homem que é o meu unico desejo,

A sombra errante do meu pensamento,
Não me ama. Antes, cultiva o meu tormento.

— Olha agora: Elle foi dansar lá fóra.
Sempre a Nair. Sempre ella. Entende agora ?...

....

E o demonio calou-se de repente. .
Poz no labio um sorriso irreverente

E desappareceu na onda doirada...
O demonio teceu a arlequinada

Porque o demonio, filha, é o proprio Ciume...
— Garçon, Champagne ! Traz mais lança-perfume !...

JOÃO DA AVENIDA.

VIUVA RICA

Como não ignoram, — porque é publico e notorio, — uma apoplexia de máo caracter fez mudar de domicilio, levando-o num somno de pedra para o outro mundo, o Procopio, — o Procopio dos Santos Pereira, socio da firma Dias, Santos & Companhia.

Deixou a mulher em bons alicerces, feitos de solido capital. Trezentos contos, talvez quatrocentos ou quem sabe se quinhentos ? Não dei balanço nos haveres nem a curiosidade me levou a rebuscar partilhas, mas é sabido: — fundos tinha elle e até de sobra.

Hontem, enfiei-me no preto e fui levar á viuva o testemunho do meu pezar, como tenho por uso fazer com as pessoas circumspectas e que têm dinheiro.

Entrei, apertei-lhe a mão e depois de cumprido meu dever, sentei-me, sem saber por onde principiar, porque, — franqueza, franqueza, — não dou muito para estas situações. Quedei-me mudo, a contemplar as moscas que andavam a voar, e a fazer rosquinhas com os dedos, na posição beatifica de quem está a assistir um Te Deum.

A esposa do fallecido, que, apezar da nutrição, sempre foi de literatisada linguagem devido a complicadas leituras, foi quem desentupiu o silencio:

— Muito obrigada, meu amigo, por não se ter esquecido de mim. Veja em que desventura me vem encontrar. Como é impiedoso o destino ! Hontem, nos esplendores, rodeada de carinhos, e hoje, de coração esfarrapado, atirada entre os escôlhos da vida, mettida neste revolto mar onde terei de sossobrar em busca da felicidade que perdi...

E de dentro sahiam ais untados de desespero e dos olhos despencavam-se gottas amargas, que lhe vinham molhar as faces como si estivessem debaixo de um chuvisqueiro grosso.

E vou eu, a mastigar palavras para a consolar, lhe disse, a engulir a saliva:

— Tenha resignação. Agora não remedeia nada. Não é a senhora a primeira nem será a ultima. O que é bom toca a todos. Isto dóe no começo, depois vem o habito e não doe mais. Lembre-se da grande verdade: — Tudo quanto Deus faz é pelo melhor.

— Sim, bem sei, Deus é grande e bom, mas eu é que vou amargar a falta do que me falta. O senhor bem sabe: — viuva é barco que se não tem leme desnorteia.

— Ha de encontrar leme, não se afflija.

— Encontrar ? onde ? quando ? em que logar ? Vivo retrahida, não vou á parte alguma. Estou nas condições daquella desventurada, que errava por entre desertas montanhas a gritar no desalento da sua dôr: — choro, — ninguem me responde; olho, — não vejo ninguem. Este crêpe me arrasta ao desespero. Não posso, não posso mais, não nasci para este supplicio e esta solidão...

E os seus lamentos eram tão dolorosos, os seus gemidos tão sinceros que me vibraram a nota sentimental, ao ponto de sentir, que cada olho que a natureza me deu parecia um pato a nadar em agua salgada...

Arrastei a cadeira para o lado della e abafando a voz lhe disse com a franqueza e a seriedade que costumo ter:

— Comprehendo onde lhe aperta o sapato e não precisa pôr mais na carta. Vou descobrir o que lhe convém e voltarei a trazer-lhe boas novas.

— Que ? ! quer dar-se a esse trabalho e ter esse incommodo ? !

— E por que não, minha senhora ? Andamos por aqui para servir uns aos outros, e grande será o prazer se acceitar minha actividade, que ponho desde já ás suas ordens com toda a descripção.

Os olhos, num deslumbramento, seccaram, as faces tomaram nova côr e, disfarçando um brilhante sorriso, ciciou mansamente:

— E não será ainda cedo ?

— Quanto mais cedo melhor. Estas cousas devem ser ditas e feitas, — anda mão, enfia dedo.

— E a lingua do povo ?...

— Deixal-a distrahir-se. Ella bate sempre, quer tenha razão ou não.

— Pois bem, entrego-me ao seu bom gosto.

— E não se ha de arrepender. A divisa que adoptei é sempre esta: — reformando - melhorando. O outro já estava um pouco avariado ?...

Deu um suspiro de allivio:

— A quem o diz...

Levantei-me e despedi-me.

Ao chegar á porta, quando tirei o lenço para me assoar, a philosophia metteu-se commigo ás voltas:

— Sim, senhor, si os calculos não falham, a fazenda vae ser de facil collocação. Ha muita gente que se quer aprumar e só falta o que ha por aqui demais. Como traste de segunda mão, será muito exigente quem o quizer melhor. Vê-se que está bem sacudida, foi bem tratada e não tem môfo. Isto de ser resto de defunto, pouco importa. O dinheiro, pule, remoça e até traz cheiro de virgindade a quem não o tem. Uma boa idéa esta do Sr. Procopio se ter ido embora. Com isto deixou margem para se espalhar o que com unhas de fome tratou de accumular. Foi uma grande besta, — é a versão que corre, — e não serei eu que me atreva a desmentir. Levou a vida a suar, a lidar, a perder noites de somno para os outros agora virem gozar o que não soube fazer... Bem diz a minha cozinheira: — o sabor do peixe não é para quem o tempêra é para quem o come... Rei morto rei posto. Faz ella muito bem e cumpre seu dever. E' sempre assim: — viuva rica, por um olho chora e pelo outro repinica...

JOTA SO'.

LONGE DO MUNDO

— Neste retiro, como é boa a liberdade!

— Cala-te, filha, tu não sabes de que é capaz o homem das prestações!

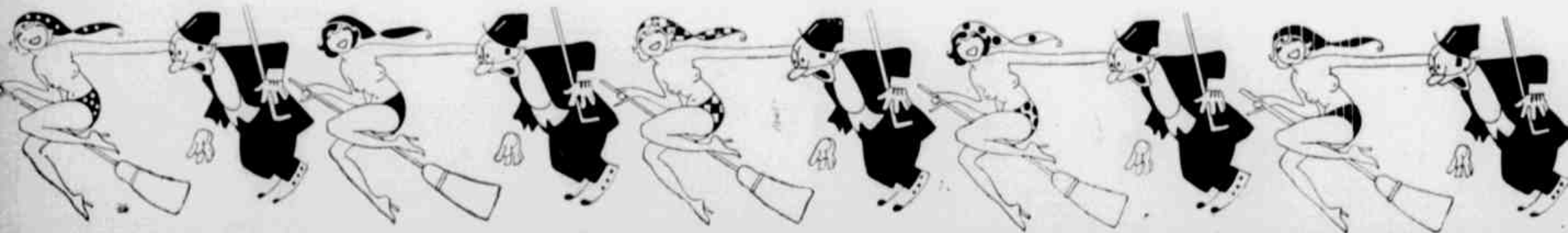
(DESENHO DE FRITZ)

◇

SOBRE O AMOR

Não existe na terra felicidade que mais se deva desejar, do que um longo e admiravel amor... Mas, se não encontrasdes esse amor, o que fizestes para ser digno delle não será perdido para a paz do vosso coração, para a tranquillidade mais corajosa e mais pura do resto da vossa vida — MAETERLINCK.

O HOMEM E A MORTE

DE MENOTTI DEL PICCHIA

Prova irrecusavel da grande vitalidade da nossa raça é, sem duvida alguma, a extraordinaria producção literaria dos ultimos tempos. Fosse ella, na sua maior parte, superficial e destituida de significação, e nós não nos atreveriamos a affirmar o que fica ácima. Mas nem o pessimismo mais incuravel e sombrio poderá negar um facto de tal evidencia, que só não apparece aos olhos de quem não quer mesmo ver.

E' em São Paulo, a terra tradicional do trabalho intelligente e constante, do estudo demorado e fecundo, que se desenvolve hoje o maior esforço nessa grandiosa obra da construcção duma literatura nacional independente e robusta, para cuja base já temos no passado tão fortes elementos. Proliferam alli, como em terreno maravilhosamente fertil, dessa fertilidade das lavouras de café, fonte quasi eterna de riqueza, os cerebros de grande faculdade assimilativa, as sensibilidades de surprehendente poder creador. E o Sr. Monteiro Lobato, — em quem vemos accentuadas semelhanças com o autor de Le Siécle de Louis XIV, não só na scintillação continua da ironia e na elegante precisão do estylo, como tambem na capacidade para os negocios, pois é sabido que o philosopho francez chegou a fortuna com as suas transações, — é o propulsor mais decidido e efficaz desse movimento, com a sua empreza editora, donde sahem para o publico ledor — coisa até ha bem pouco considerada irrealisavel no Brasil! — livros elegantissimos, que convidam á leitura com uma força irresistivel.

Um dos ultimos que nos chegam aqui é o "O Homem e a Morte" *do Sr. Menotti del Picchia, notavel poeta e prosador, cujo elogio é desnecessario tentar, pois a sua consagração já está sufficientemente estabelecida com essa magnifica collecção de optimos livros, que o illustre escriptor nos vem offerecendo desde a victoriosa publicação de* Moysés *e* Juca Mulato.

Aqui já não vemos o poeta titubeante de emoção em face da belleza natural, sentindo penetrar-lhe o ser a vibração tumultuosa das grandes forças cosmicas, e cantando com um arrebatamento religioso. Não. Neste ultimo livro dá-nos Menotti del Picchia uma "tragedia cerebral", a historia dum certo periodo da sua vida em que, inesperado, um grande amor o torturou, e lhe foi, ao mesmo tempo, uma fonte de deliciosa exaltação lyrica.

Poderiamos transcrever aqui alguns trechos desse lindo trabalho, mas o livro de Menotti del Picchia é um desses de que não se dão amostras.

Ao leitor recommendamos com enthusiasmo a sua leitura integral.

ISIDORO GARCIA MACIEL

— Agora, querida, acabaram-se as fantasias... O Carnaval já passou...
(*Desenho de Di Cavalcanti*)

◇

OS psychiatras têm o máo veso de descobrirem que os grandes escriptores fazem inconscientemente o auto-retrato através dos protagonistas das suas obras.

Nem sempre é verdade; Mark Twain, por exemplo, era um misantropo, e Julio Verne, que poderia ser apontado como alguem que fosse tomado de delirio ambulatorio, creio que nunca sahiu de França e pouco se afastava da pacatez sedentaria em que habitualmente vivia. — ARTHUR NEIVA.

◇

TENHO para mim que a critica de arte deve ser, por sua vez, artistica. O critico precisa demonstrar sua capacidade em produzir, ao menos com elementos literarios, obras de arte. E os trabalhos criados tornam-se assim como armas de dois gumes, capazes de interessar pelo lado critico aos que desejam ter opinião... pessoal e pelo lado artistico aos que procuram sensações de belleza.

MARIO DE ANDRADE.

Inauguração do busto do Professor Baptista da Costa na Escola de Bellas Artes

SIMPLES OU COM LEITE?

Os dois homens silenciosos e exquisitos entraram no café. Depois de abancados, o homem gordo que falava fino tomou a voz mais grossa que encontrou na sua diminuta collecção e arriscou uma pergunta sem importancia. Mas o homem magro que falava grosso não entendeu uma só letra, porque os seus ouvidos eram grosseiros demais e só ouviam as palavras gordas e redondas que cahem no cerebro como gottas de tinta num matta-borrão.

Então elle proprio escolheu a voz mais fina que póde conseguir e falou qualquer cousa ao homem gordo. Mas este não entendeu porque só ouvia vozes finissimas; por isso agarrou uma gaita de folle e continuou a tocar para chamar o garçon. Mas nenhum dos dois cavalheiros entendeu o que o garçon falou, porque a sua voz não era nem grossa nem fina.

Sahiram então exquisitos e silenciosos, mais amigos, porém, do que nunca, amigos até o infinito.

✣

Um sujeito a quem eu contei esta historia abriu dois olhos muito grandes e eu vi que elle não havia comprehendido nada.

— Nós, disse-lhe eu, nunca devemos nos simplificar a ponto de tornarmo-nos faceis. Aquelles dois typos do café eram dois sabios, porque fizeram tudo para se tornarem complicados.

E, por isso, elles eram estimados ou odiados, nunca desprezados.

Mas esta não é toda a moralidade da fabula. Seria preciso para explical-a amontoar tantos livros que os meus braços, por mais estendidos que estivessem, não alcançariam nunca os dois extremos.

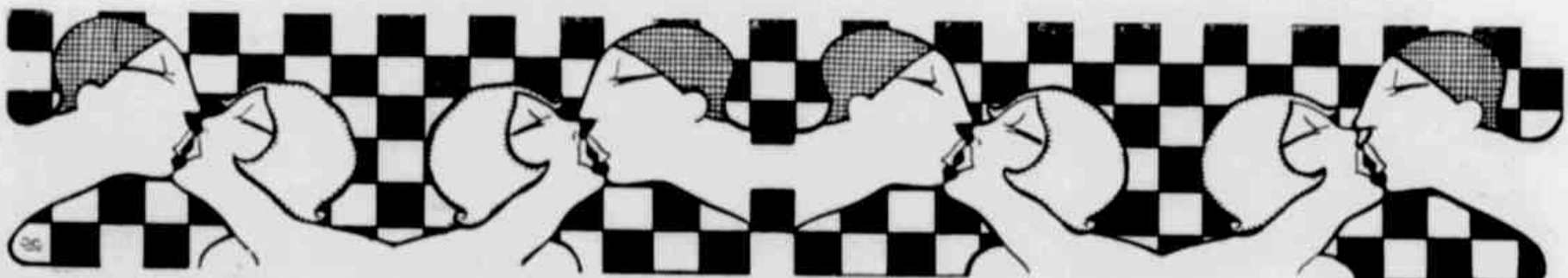
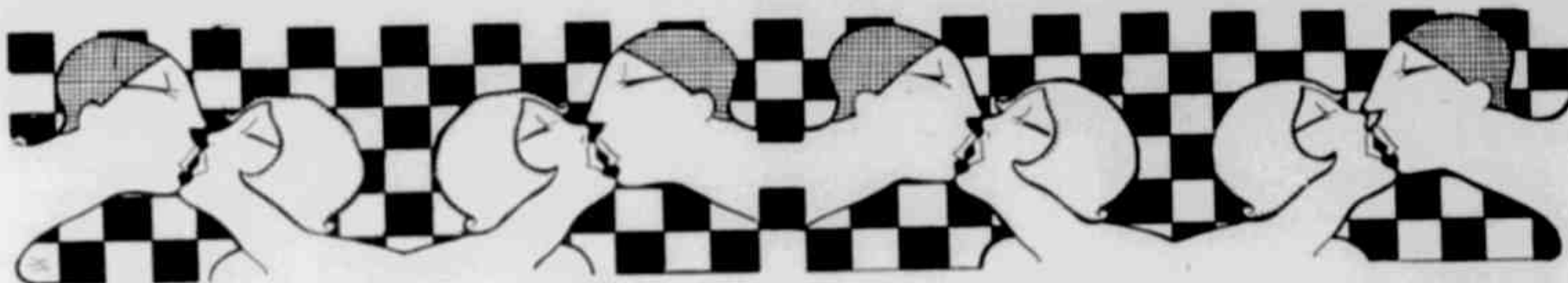
SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA

◇

ESTÁ CONTENTE?

Qualquer pessôa que não esteja contente com a sua pelle por qualquer motivo, póde substituil-a pela camada inferior que é nova e isenta de manchas, espinha, etc. Para isso destróe-se a camada desprezada, lentamente, por intermedio do crême de cêra purificado, que a corróe aos poucos e alimenta a nova e deve ser applicado á noite ao deitar-se.

Quem não tiver sua receita, póde adquiril-o nas perfumarias.

No "lunch" de fructas offerecido, na Exposição, pelo Dr. Delphim Carlos aos representantes da imprensa.

ENTÃO o preso falou:

"Fui trabalhar na estrada de ferro em Santa Maria, mas, com a greve tive contra minha vontade, de abandonar o serviço. Quando de novo me apresentei tinham posto outro em meu logar. Dahi para deante não encontrei mais serviço, a não ser coisinhas "atoas" que me dão uns nickeis para comer. Tenho uma filhinha de quatro annos que é orphã. Vivemos sós... eu vivo só para ella, a minha Maria!

Hontem foi Natal e quasi que ella, a minha filhinha

não teve o que comer... A raiva que eu senti! Ah!... (E o preso suspirou fundo emquanto que com a mão suja e callejada limpava uma lagrima).

As creancinhas recebiam festas, doces, brinquedos... que sei eu? E a minha Maria não teve sequer um beijo de mãe que lhe suavisasse a fome... Vi a pobrezinha a olhar os mimos das outras, parecendo-me até que ella se sentia feliz com a ventura alheia. Tive um momento de revolta. Peguei o chapéo e sahi.

Na rua vascillei, lutei, tive impetos extranhos, mixto de ternura e de odio...

Estendi o chapéo aos que passavam. Alguns olharam-me como a censurar a preguiça de um homem forte e sadio; outros, com ares superiores, atiravam-me miseraveis tostões... e exhibiam gestos caridosos.

Por vezes dominei-me quando já prestes a atirar-me sobre pescoços recamados de joias e riquezas.

Era já noite.

Triste e abatido, regressava, quando uma claridade forte pôz-me fascinado como a uma creança. Olhei pela janella e vi, junto a um presepio, um pinheirozinho deslumbrante de mil luzes e cheio de brinquedos.

Na sala não havia ninguem, os de casa divertiam-se para dentro, como indicava a algazarra distante.

Foi ahi que, pensando unicamente na alegria de minha Maria, dei um passo, estendi o braço e tirei essa boneca. Alguem viu-me e gritou. Sahi a correr, a correr e só parei quando a colloquei deitadinha junto da minha filha.

Prenderam-me... Aqui estou. Façam de mim o que quizerem, mas della não lhe tirem a alegria...

Menti-lhe, á minha Maria, ter comprado a boneca para seu Natal... Não a tirem da illusão. Façam de mim o que quizerem..."

No baile infantil da Socieda Hippica Paulista

HERNANI DE IRAJA'

◇

Quando amamos, somos uteis; quando nos amam, somos indispensaveis. — STEVENSON.

Footingações

Sob a volupia azul e verde
da tarde clara de verão,
dona Tristeza hoje se perde
na alegria da multidão.

Que Momo, o deus bom da alegria,
pintou a tarde côr de mar
só para que a melancolia
debandasse do nosso olhar.

E ella lá vae, tonta... Parece
dona Cigarra muito antiga
rogando, como numa prece,
um pouso em casa da Formiga...

Mas esta, que é trêda e matreira,
trabalha como um animal
para gastar na brincadeira
excitante do Carnaval,

Fantasiou-se... Talvez que nunca
deixára de fantasiar-se.
Que esta formiga, astuta e adunca,
é a propria imagem do disfarce...

Hoje, porém, pôz sobre a face
pintadissima de carmim,
alguma cousa que tentasse
o desvario de Arlequim.

Foi a alegria, a mascara alta
que não usára ainda, jámais...
que é seu olhar, que o sério asphalta,
Agudo e máo como os punhaes.

E assim bem posta com lisura,
com a mesma com que anda na vida,
foi a espertissima creatura
olhar a vida na Avenida.

E viu com os seus olhos de môcho
a gente que nas ruas anda:
Ruth, Iracema, Carmen Roxo,
Hilda, Zizi, Rachel e Wanda...

E viu, entre essas, Pharailde,
Beatriz, Adelia de Monat
e Myrian, Vera e Mathilde,
Maria, Zilda e Dinorah...

Viu serpentinas multicores,
perfumes loucos e subtis,
batalhas de "confetti" e flores...
E viu que a Vida era feliz.

E viu que a tarde se vestira
toda de azul e verde para
cantar, ao som de alguma lyra,
a canção da alegria clara.

E viu que a Terra se puzera
ao geito vivo de um painel
de Allegoria a Primavera,
com vestes claras de papel.

Mas a Formiga, pessimista,
por entre tudo isso, passou...
Apenas lhe feriu a vista,
só, a tristeza de Pierrot...

✣

CARNAVAL

Que grande sombra lunar!
A noite é lamina fina...
corta como Colombina
ou como a "gilette" do ar...

Onde está ella? onde está?
Na agua, na noite, no sonho
que torna Pierrot tristonho
como ao fim de um "baccarat"?

Como da noite no fim...
Colombina! Colombina!
Olhos cheios da morphina
das caricias de Arlequim...

Lá vae ella... Bom Pierrot!
Pobre d'elle! pobre d'elle!
Seu amor á flor da pelle
como um sonho bom, passou...

Mas ficou para evocar
-lhe o corpo de pelle fina
o aroma que Colombina
deixou esparso pelo ar...

E o lago? e a sombra dos buxos?
E o luar como um cavalleiro
atravessando o chuveiro
de ouro e prata dos repuxos?

E os pavões que abrem a cauda
branca de luar de ballada?
E a noite verde sonhada
através de uma esmeralda?

E a lua como um quadrante
que, suspenso no alto, assombra
deixando por sobre a sombra
cahir a Hora agonisante?...

. . . .

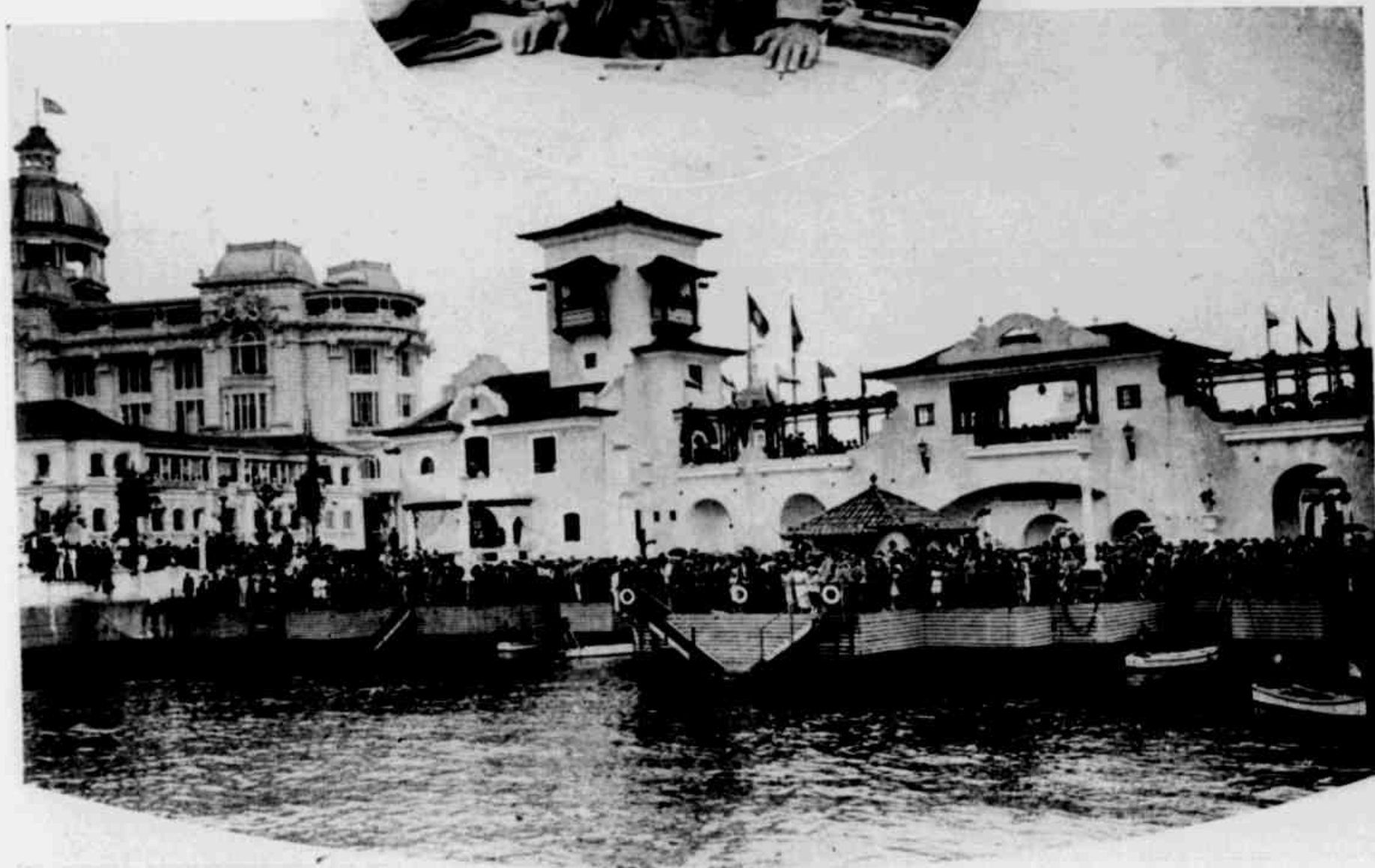
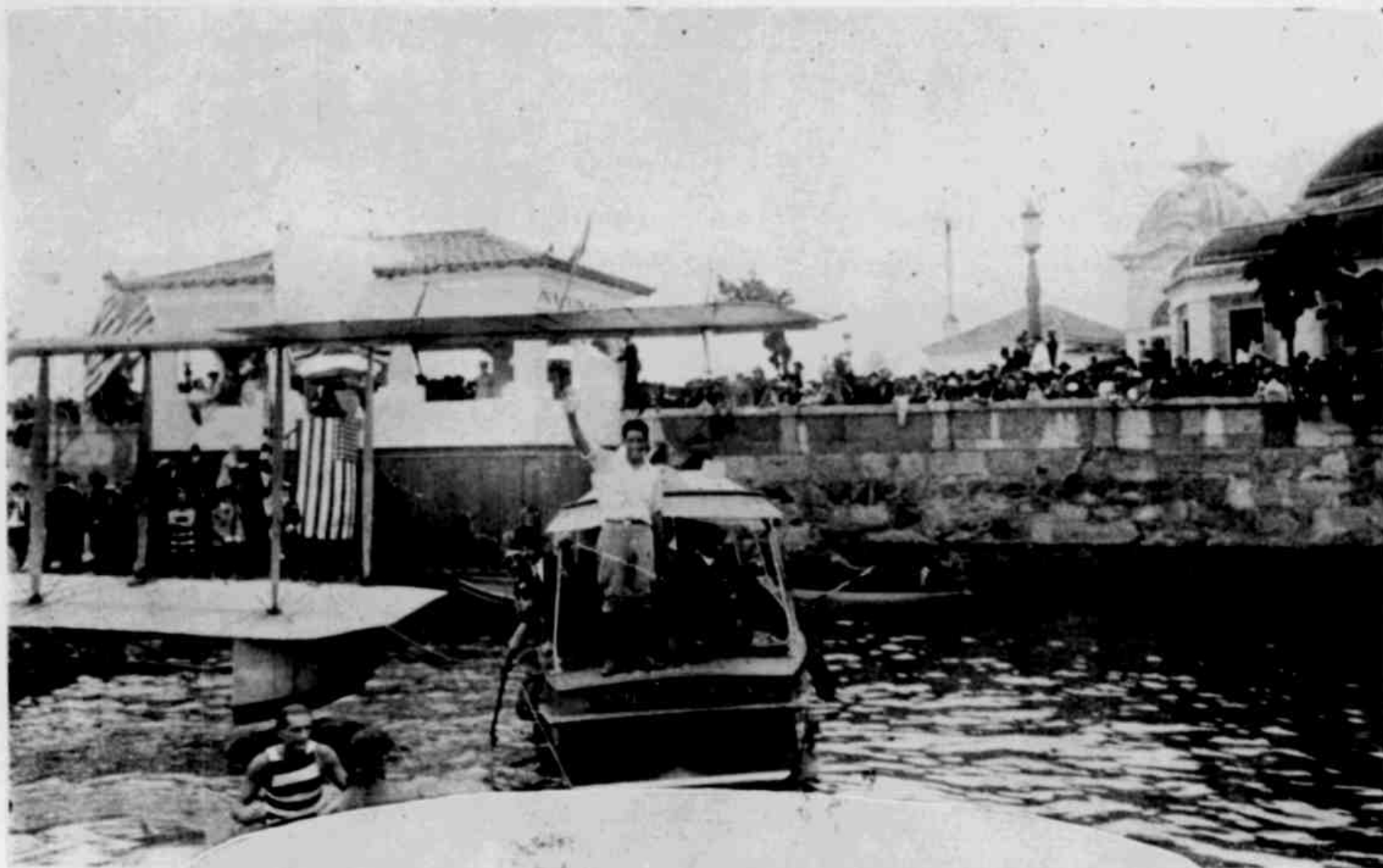
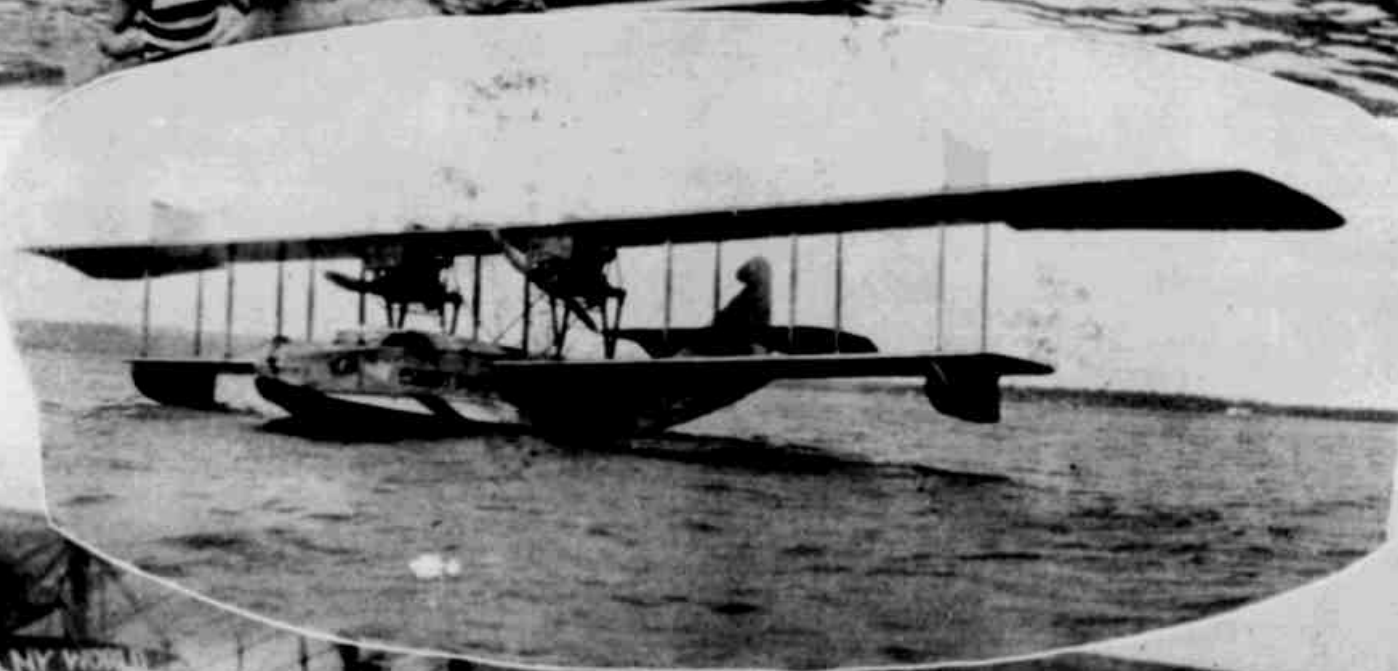
Meia-noite... Ergue-se agora
a força enorme dos myrthos...
E Pierrot, de braços hirtos,
foi enforcar-se na Hora...

Ox

BOA TARDE!

— Com quem falaste, Laurinha?
— Falei ao lampeão que está ali encostado a um sujeito.

A CONCLUSÃO DA VIAGEM DE NOVA YORK AO RIO, PELO AR

O hydro-avião *Sampaio Corrêa II* pousando na Guanabara. — Pinto Martins. — O povo, na Exposição, á espera dos aviadores.

Pinto Martins saudando a multidão. — O hydro-avião. —

Os tripulantes do *Sampaio Corrêa II* e as suas mascottes.

O povo, calculado em em duzentas mil pessoas, esperando o desembarque de Pinto Martins e Walter Hinton. — O prestito, na Avenida das Nações, a caminho do Gloria Hotel. —

Recepção no Aero Club Brasileiro; os aviadores ladeam os Srs. Prefeito Alaor Prata e senador Sampaio Corrêa. — Aspecto da *marche-aux-flambeaux*, na noite de 8, pela Avenida Rio Branco.

Em cima, ao centro: Os aviadores Martins e Hinton, com o Sr. senador Sampaio Corrêa, o mecanico e os jornalistas americanos que os acompanharam, em visita ao Sr. Presidente da Republica.

As outras photographias, em torno, foram feitas no chá á fantasia offerecido, no Club dos Diarios, aos denodados viajantes do azul... — Em baixo: baile infantil, domingo, no theatro Recreio.

UM LIVRO PERIGOSO

NUM jornal grave, um senhor, cujo nome não vem ao caso, analysando os Epigramas Ironicos e Sentimentaes, *de Ronald de Carvalho, dizia, ha dias, achar este livro excessivamente perigoso para os bons costumes do norte. Ronald de Carvalho deve estar satisfeitissimo. Um livro só é bom quando perigoso: quando capaz de exercer alguma influencia, de despertar, no leitor, o desejo, a fascinação de imital-o. Imaginem agora que o livro em questão é considerado um perigo para os bons costumes de todo o norte do Brasil! E isto, tratando-se de um livro de poemas, francamente, é adoravel! Saiba, porém, esse tão receoso* gagaista *que um dos mais altos papeis que um homem de intelligencia possa representar é o de desconcertante, de desmoralisador. Flaubert, quando partia de certa cidade do oriente, disse, satisfeito:*

— Creio haver desmoralisado bem esta cidade...

NA PRISÃO

O publico esgotou em seis dias a primeira edição do Na Prisão, *livro de chronicas de impressões da cadeia e dos criminosos, com os quaes Orestes Barbosa conviveu quando preso na Casa de Detenção.*

A segunda edição, que surgiu ha dias augmentada, é a prova de que o autor é uma personalidade unica no genero das chronicas e no estylo com que as faz.

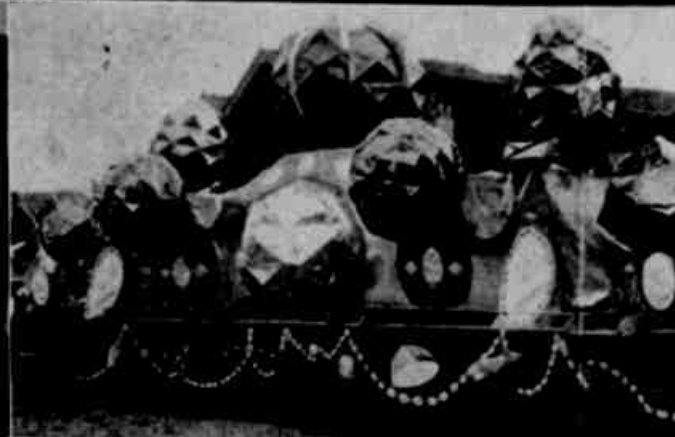
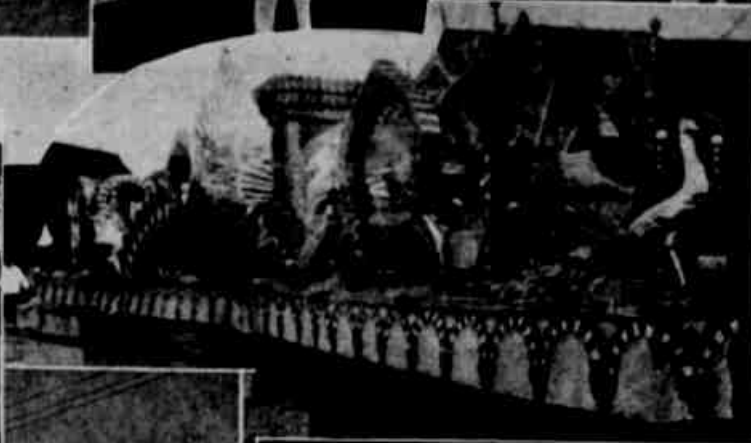
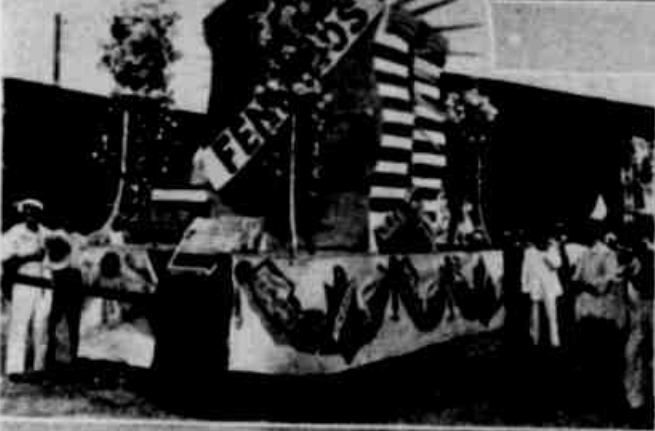
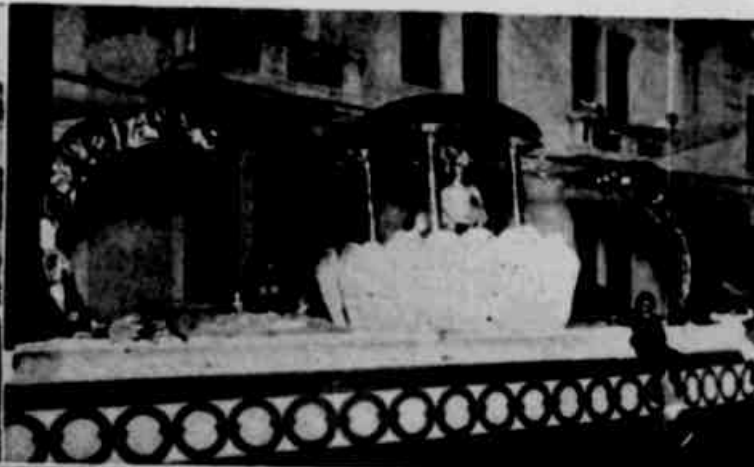
QUINTA - FEIRA DA OUTRA SEMANA, NO PALACIO THEATRO

INSTANTANEOS BATIDOS DURANTE O BAILE DOS ARTISTAS

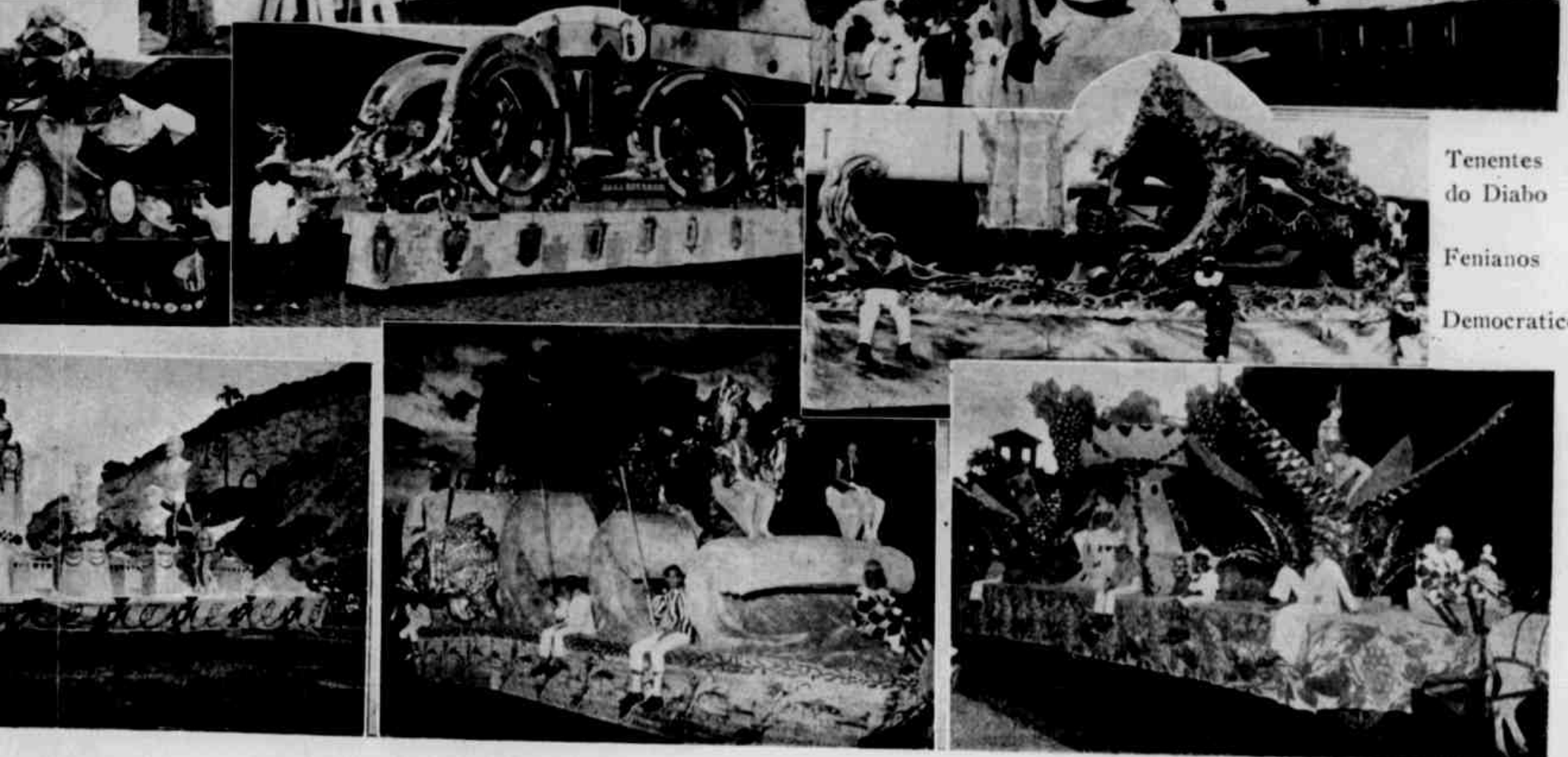
O BAILE DOS ARTISTAS

NO PALACIO THEATRO

ALGUMAS FANTASIAS

BAILES NO CLUB S. CHRISTOVÃO — NO FLUMINENSE F. C. — EM CASA DO S

ASA DO SR. PEDRO MAGALHÃES CORREIA — ASPECTOS DO CORSO DE SEGUNDA-FEIRA

OS PRESTITOS DE

TERÇA-FEIRA

Tenentes do Diabo

Fenianos

Democraticos

Club de Regatas Guanabara — Hotel Gloria — Palace Hotel.

Cinema Para todos...

Chronica

O ANNO CINEMATOGRAPHICO DE 1922

(Atravez da censura policial)

No anno de 1922 foram submettidos á censura 1.341 films, com 1.678.608 metros, importados pelas seguintes emprezas:

Universal—341, Paramount — 260, Fox — 243, Rombauer 102, — Marc Ferrez — 86, Serrador — 78, Bieckark — 58, Arieta & Cia. — 43, Vital Ramos de Castro — 24, Natalini & Barret — 21, Pinfildi — 20, Leon Abran — 17, A. Bocchino — 15, C. Darlot — 11, e as mais quantidades pouco ponderaveis.

Os 341 films da Universal (25 °|° sobre o total) tinham 376.740 metros (23 °|° sobre a metragem total) e eram 104 em uma parte, 110 em duas, 1 em tres, 85 em cinco, 19 em seis, 3 em sete, 3 em oito e 12 films em serie em 165 episodios e 344 partes.

Os 260 da Paramount (19 °|° sobre o total) tinham 308.121 metros (19 °|° sobre a metragem total) e eram 54 em uma parte, 45 em duas, 83 em cinco, 36 em seis, 36 em sete, 3 em oito e 3 em nove.

Os 243 da Fox (17 °|° sobre o total) tinham 184.660 metros (11 °|° sobre a metragem total) com 113 em uma parte, 44 em duas, 67 em cinco, 7 em seis, 5 em sete, 4 em oito, 1 em nove e 2 em dez.

Os 102 films de Rombauer & Cia. (7 °|° sobre a totalidade) tinham 191.468 metros (11,5 °|° mais ou menos sobre toda a metragem) e eram 11 de uma parte, 2 de duas, 4 de tres, 2 de quatro, 37 de cinco, 37 de seis, 3 de sete e 1 de oito e mais 5 series com 31 episodios e 103 partes.

Os 86 films dos Srs. Marc Ferrez & Filhos (6 por cento sobre o total de films) mediam 132.605 metros (7,5 °|° mais ou menos sobre a metragem total) e constaram de 20 em uma parte, 14 em duas, 3 em tres, 14 em cinco, 23 em seis, 7 em sete, 1 em nove e mais 4 series com 55 episodios e 114 partes.

A Companhia Brasil Cinematographica tinha nos seus 78 films (5,5 °|° mais ou menos) 114.150 metros (6,5 °|° mais ou menos) 17 em uma parte, 7 em duas, 3 em quatro, 20 em cinco, 18 em seis, 8 em sete, 3 em oito e mais 2 series com 24 episodios e 51 partes.

Os Srs. C. Bieckark & Cia. nos seus 58 films (pouco mais de 4 °|°) com 97.865 metros (5,7 °|° mais ou menos) tinham 2 de uma parte, 1 de tres, 16 de cinco, 25 de seis, 13 de sete e 1 de oito.

Os Srs. Arieta & Cia (Corporacion Argentino-Americana de Films) nos seus 43 films (3,2 °|° mais ou menos) com 78.200 metros (4,6 °|° mais ou menos) tinham 5 de cinco partes, 26 de seis, 11 de sete e 1 de oito.

Ao todo 336 films eram em 1 parte; 244 em duas; 10 em tres; 6 em quatro; 370 em cinco; 277 em seis; 93 em sete; 17 em oito; 7 em nove e 4 em dez partes.

Mais 27 series com 290 episodios e 667 partes.

Quanto á sua proveniencia eram norte americanos 1.058 (quasi 79 °|° sobre 1.341); allemães 140 (10 °|°); francezes 78 (5,7 °|° mais ou menos); italianos 23 (1,7 °|° mais ou menos) e os outras fracções pouco ponderaveis.

Quanto ás marcas eram da Universal 290, da Paramount 260, da Fox 243, da Pathé N. Y. 75, da Goldwyn 46, da Ufa 32, do First National 29, da Gaumont 22, da Argus 21, da Hodkinson 20, da Associated Producers 19, etc., etc.

Soffreram córtes 84 films (6 °|° mais um bocadinho) como perda de 564 m. 60 (0,083 °|° mais ou menos) sendo americanos 41 em 1.058 (3 °|° mais ou menos); allemães 27 em 140 (19 °|°); francezes 9 em 78 (12 °|° pouco menos); italianos 4 em 23 (17 °|° pouco mais); austriacos 2 em 4 (50 °|°) e Argentino 1 em 4 (25 °|°).

Foram declarados improprios para as creanças 52 films (quasi 4 °|°), sendo americanos 22 (2 °|°), allemães 20 (14 °|°), francezes 3 (3,8 °|°), italianos 4 (17 °|°), austriacos 2 (50 °|°) e argentino 1 (25 °|°).

Foi prohibida a exhibição de um film, allemão, da Kraft-Film.

São esses os dados que pudemos haurir do relatorio apresentado ao chefe de policia pelo encarregado da censura cinematographica, Dr. Roberto Etchebarne, que continua zelosamente á frente desse serviço que já muito lhe deve.

Como os leitores vêem, ha nas cifras acima, dados assás curiosos que pódem facilmente ser completados por quem se der ao trabalho de os analysar.

OPERADOR.

☆ ☆ ☆

A NOSSA CAPA

George Walsh, mercê de um unico film — *Brutalidade* — já foi o idolo de nossas platéas. Wallace Reid venceu-o depois na popularidade, que parece estar agora passando a Rodolph Valentino. Depois de *Brutalidade*, começou o artista a filmar uma serie de idiotices que lhe fornecia a Fox. Passou-se para a Universal, onde fez uma serie. Um escandalozinho domestico pôl-o fóra dessa empreza e o bello George sumiu-se...

✣

No proximo numero: LILLIAN TASHMAN.

AS TRES VINGANÇAS

(THE VALLEY OF SILENT MEN)

Film Paramount - Cosmopolitan
Producção de 1922
DIRECÇÃO DE FRANK BORZAGE

DISTRIBUIÇÃO

Marette Radison . .	ALMA RUBENS
Caporal James Kent	LEW CODY
O'Connor	Joe King
Pierre Radison . .	Mario Majeroni
Inspector Kedsty . .	George Nash
Jacques Radison . .	J. W. Johnston

OPINIÕES DA CRITICA

Film para todos os paladares. Melodrama, porém dos bons.

Photoplay.

— Hei de apanhar Follette, ainda que leve um anno!" jurava o sargento Kent, da Real Policia Montada, mettendo a pistola nos coldres e galgando a sella.

— Não te invejamos o trabalho, respondiam-lhe os companheiros, emquanto o commandante O'Connor recommendava: — Toma cuidado! Follette é ligeiro no gatilho e não recua deante de nada.

De facto, esse individuo, contrabandista de pelles, era o autor de uma duzia de crimes e o desespero da Real Policia do Canadá. Uma semana depois, Kent encontrava, num atalho da montanha, cahido na neve, o bandido, que lhe pareceu, após a devida verificação, ter partido desta para a melhor. E já levava a noticia para o seu posto, quando, a poucos passos, ouviu o sibilar de uma bala e sentiu uma dor aguda nas costas. Ferido, Kent rolou do cavallo e comprehendeu o ardil do bandido. Enfraquecido pela perda de sangue, o sargento, comtudo, não tardou a recobrar os sentidos e reconheceu que estava nas proximidades da cabana de Barkley. Mas teria elle forças para alcançal-a, sem viv'alma que o auxiliasse? Arrastando-se, cheio de dores, Kent poz-se a caminho da cabana, onde o seu appello foi attendido por Jacques Radison. Este, entretanto, pareceu hesitar antes de leval-o para dentro da habitação. Talvez fosse melhor conduzil-o já para o hospital, pois a remoção mais tarde poderia lhe aggravar os males. O sargento, po-

Amava as suas montanhas nataes cobertas de neve...

Vendo Kedsty olhar-te lembrei-me de Barkley...

rém, insistiu. Que chamasse Barkley para auxilial-o. — Onde está Barkley? perguntou elle, parecendo-lhe extranhos os subterfugios do outro. E a resposta só elle a teve, quando, dentro do tosco compantimento, Jacques, com dedo tremulo, apontando para o chão, exclamou: — Estás vendo aquillo? Kent teve um sobresalto. Era um homem morto.

— E' Barkley! disse Jacques, mas juro que não fui eu quem o matou. Tu não acreditas que fosse eu, não é assim? Jura que tu tambem não acreditarás, embora outros te digam o contrario, supplicava elle.

Sim, Kent não acreditava... Não fôra Jacques, de resto, quem o soccorrera? Não, não diria nada; que Jacques fosse buscar o medico, que se sentia mal. E quando veio o doutor, o sargento contou que havia matado Barkley, que tambem o ferira, para salvar Jacques.

Que importava a mentira, si dentro em pouco ninguem lhe pediria contas della? Pois não affirmava o medico que o seu ferimento era grave? Ao commandante O' Connor, que chegou no momento com os seus homens, o bravo sargento repetiu a mentira.

Transportado para o hospital, a sua robustez zombou do mal e a sua vida foi posta fóra de perigo. Certa manhã Kent viu-se despertado por uma voz de mulher, que do lado de fóra, reclamava permissão para vel-o.

Vi, filha, minha, o que se passou naque noite...

— Chamo-me Marette, dizia ella, e venho ver o mais explendido mentiroso que o sol cobre. Acto continuo a porta abriu-se e Kent teve a mais encantadora visão da sua vida.

Encaminhando-se para elle, cheia de graça e de espontaneidade, a rapariga estendeu-lhe a mão.

— Bom dia, senhor Mentiroso! E sentando-se á beira do leito, continuou: Porque fez isso?

— Que? matar a Barkley?

— Não, mentir; porque não foi o senhor quem o matou. Kent quiz insistir, mas viu que era inutil. Quem era ella, todavia?

Marette, então, contou-lhe que era filha de Pierre Radison. Nascera no "Valle dos Homens Silenciosos" e fôra educada em Quebec. Amava as suas montanhas nataes, cobertas de neve e silenciosas, e queria que Kent fosse vel-as. Elle havia de gostar de seu pae, que era um bravo homem. Quando Marette partiu, levava a promessa e alguma coisa mais, mesmo, de Kent, que, restabelecido e transferido para a prisão, onde devia aguardar o julgamento do seu crime, nunca mais esqueceu aquelle vulto gracil, cuja voz o despertára certa manhã, para uma vida nova. E essa voz voltou ao carcere, como fôra ao hospital. Um dia Marette appareceu, dizendo-lhe que não permittiria fosse elle julgado por um crime que não commettera. Que elle consentisse, então, em que ella o auxiliasse a evadir-se. Leval-o-ia para o seu valle, onde elle estaria em segurança. De facto, com grande ousadia de Marette a fuga se realizou. Marette architectára todo o plano. Sorprehendendo as sentinellas, prendeu-as na propria cella de Keni, e, como a noite era tenebrosa, esperariam que amanhecesse para partir, e Kent passaria a noite escondido na casa mesma do Inspector Kedsty, que estava no alojamento dos offi-

Marette contou-lhe então que era filha de Pedro Radison

(Termina no fim da revista)

GRANDE FELICIDADE

(BIG HAPINESS)

Film Robertson Cole — Producção de 1920

DISTRIBUIÇÃO

John Dant . . .) James Dant . . .)	Dustin Farnum
June Dant	Kathryn Adams
Raoul de Bergerac	Frederico Malatesta
Mlle. de Farge. .	Violet Schram
Alick Crayshaw. .	Joseph Dowling
Watson	William Brown
Porteiro	Aggie Herring

John deixava-se ficar em casa...

John Dant morava á rua Paraiso, em Paris. Ha muitas ruas Paraiso nessa cidade de encantamentos, mas com outros nomes. As janellas do seu aposento davam para a rua, estreita e suja, ao longo da qual corriam duas fileiras de casas de commodos, encardidas e miseraveis, typicas de certos bairros de Paris — casas em que qualquer póde entrar se pagar a semana adiantadamente; onde não se faz questão de passaportes e de outros papeis de identidade; onde tudo é permittido com a condição de não despertar a attenção dos *gendarmes*. Não é que John Dant gostasse de tal vida e de tal meio. Rapaz de boa apparencia e de bom gosto, elle teria preferido um alojamento em uma pensão ou hotel de primeira ordem, mas sua predilecção pelo absintho e falta de disposição pelo trabalho combinavam-se nelle para prival-o de todos os confortos da vida. Era a antithese de seu irmão gemeo, James Dant. Physicamente, elles se pareciam como duas gottas d'agua. Si seus proprios paes saberiam differençal-os um do outro é o que resta saber, pois pae e mãe haviam fallecido quando os meninos ainda estavam em idade que era preciso marcal-os com fitas azul e côr de rosa. Ninguem mais seria capaz de dizer qual era John ou James, quando ambos se encontravam juntos. Isso, aliás, era difficil, porque raramente elles eram vistos de companhia, mesmo assim na intimidade, porque em publico nunca James, um typo de correcção moral e de situação financeira respeitavel não se compromettia, apparecendo ao lado de John. Seus paes eram americanos, mas se haviam conhecido, amado e casado em Paris, onde lhes nasceram os dois gemeos, aos quaes, morrendo, legaram um pequeno peculio, cuidadosamente guardado por um tio até a maioridade dos rapazes. John atirou-se immediatamente a uma vida de luxo e ociosidade; James atirou-se ao trabalho e multiplicou seu legado muitas vezes. Vendo o fracasso do irmão, James resolveu dar-lhe uma pequena pensão e ia regularmente, no principio de cada mez, levar o dinheiro que deveria pôr John ao abrigo de privações.

Era aquelle um dos raros dias nublados de Paris. Céo coberto, uma chuva miuda a cahir de vez em quando, ar extremamente denso, quasi nevoeiro. John deixava-se ficar em casa, sem coragem para sahir, nem mesmo para assistir ao matrimonio de James, que se casára naquella manhã. De resto, elle não iria lá, pois que o irmão se envergonhava delle e não desejava que as pessoas do seu mundo soubessem do irmão gemeo. John perguntava a si mesmo si a noiva do irmão teria noticias delle. Provavelmente não, mas isso pouco lhe importava. Elle se interessava tanto pela vida de James, quanto este pela sua. Junto á janella, John contemplava o crepusculo, que a atmosphera nevoenta fazia descer mais cedo do que habitualmente.

Seus olhos vagabundavam pelas fachadas dos predios fronteiros, quando uma janella mais illuminada do que as outras e de *stores* suspensos lhe despertou a attenção. John via perfeitamente o interior do quarto de dormir, pobremente mobiliado. Havia no meio do aposento uma mesinha redonda, junto á qual uma rapariga e um homem, de pé, pareciam conversar animadamente. O individuo insistia por qualquer coisa a que a mulher se oppunha obstinadamente. Não tardou que o homem desesperado avançasse para ella, deitasse-lhe as mãos á garganta, a mulher procurasse defender-se e ambos desappareces-

... e se desculpava solicito para com June...

Tens sido tão bom, tão delicado para commigo...

sem do quadro da janella, justamente na occasião em que a porta do quarto delle John se abria e alguem entrava, dizendo:

— Boa noite, John. Não ha luz por aqui ?

John Dant, habituado aos usos e costumes da rua Paraiso, com a chegada do irmão, não deu mais importancia á scena cujo começo assistira. Accendendo a luz, John teve uma exclamação de surpresa:

— Que aconteceu ? Que agitação é essa ? !

— Tu vaes me prestar um serviço. E' uma trapalhada dos diabos, John !

— Tu, meu reverendo, meu santo irmão, numa complicação ? ! Não é possivel !

— Não digas tolices, interrompeu James impaciente. E explicou que o serviço era facil e elle o recompensaria de maneira que John não pensaria mais em dinheiro para o resto da vida.

— Eu, com dinheiro... ha de ser uma cousa incommoda. Em todo caso vá lá. De que se trata ?

— Como sabes, casei-me hoje com linda joven de nome June; ninguem do meu circulo social sabe que tenho um irmão gemeo, minha mulher tambem o ignora. Um negocio urgente faz que eu tenha absoluta necessidade de partir hoje mesmo para a America, e nenhum dos meus concorrentes deve saber que estou fóra da França. E' inutil que eu te explique as razões; tu não entendes de negocios. Em resumo: preciso partir. Preciso que me acreditem aqui. Sabes, por conseguinte, o que quero de ti.

John comprehendia, mas isso era impossivel, era uma pilheria. Mesmo que elle conseguisse illudir os associados de James, a mulher havia de descobrir o engodo. Mas James affirmou que tudo correria bem. Quanto aos negocios, o seu secretario, absolutamente ao par de tudo, diria a John o que fosse preciso fazer; quanto á esposa — James fez uma ligeira pausa e poz-se a falar apressadamente sem encarar o irmão — ella não o amava. Casára-se com elle para fazer a vontade aos paes, que estavam em má situação financeira. Bastaria que John se mostrasse muito polido e attencioso, não levando demasiado longe suas attenções, afim de não lhe ganhar a confiança e o amor.

— Percebo, disse John. Desde que essa joven é das que se vendem por dinheiro, não vejo razão para escrupulos. Si ella descobrir a mystificação, ficará furiosa, mas isso é lá comtigo. Si teus socios tambem perceberem a cousa, "darão o desespero", mas isso é lá comtigo igualmente. E quando devo começar ?

— Immediatamente, respondeu James. Vamos trocar de roupa e tu segues daqui para o Martinique, onde June está com alguns amigos nossos para jantar. Desculpa-te da demora, e amanhã cedo no escriptorio.

Pouco depois, John se via transformado num elegante mundano e James metamorphoseado no bohemio desleixado que era o irmão.

— Prompto ! exclamou James a contemplar o irmão. Tu és eu e eu sou tu. Agora meu irmão, mãos á obra.

Alguns minutos mais tarde, John entrava no restaurante e se desculpava solicito com June, furiosa pela demora do marido, e com os convidados. John o fez com tanta elegancia e tanta distincção, que June começou a pensar que naquelle momento seu marido parecia um typo absolutamente encantador e distincto. Evidentemente seu pae tinha razão, quando lhe affirmava que o casamento faria de James um outro homem. Sim, talvez mais tarde ella viesse a amal-o. E emquanto taes pensamentos cabriolavam no cerebro de June, John, por seu lado dava tambem pasto aos seus. Surprehendia-se. Afinal, a mulher que ali estava, não era uma dessas creaturas frivolas que fazem do matrimonio um negocio rendoso. Suas maneiras, seus gestos, suas palavras, sua *toilette*, tudo indicava um espirito fino e elevado. Tanto bastou para que John se surprehendesse a scismar como brilhariam aquelles dois olhos de ternura, si algum dia o fogo divino do amor os inflamasse... E assim começou naquella noite a interessante comedia, que, com o correr dos dias, se desenrolou numa trama cujo desenlace deixava John apprehensivo.

Dois mezes haviam decorrido. Graças á direcção do secretario de James, tudo marchava ás mil maravilhas. John, de resto, pouco apparecia aos seus associados, e a lua de mel o justificava. Estivera realmente na Suissa alguns dias. E foi ao regressar dessa villegiatura, que, certa tarde, numa casa de chá do Bois de Boulogne, emquanto June fazia o serviço, John disse num impulso:

— Ah ! si isso pudesse durar sempre ! Si pudessemos continuar assim toda a vida !... Mas, percebendo a *gaffe*, emendou apressado: — Sim, tenho de voltar aos negocios. Que estopada ! Que pena não podermos prolongar eternamente a nossa boa lua de mel.

June suspirou:

— Por que não seria como elle desejava ? Não era bastante rico para abandonar os negocios ? Podia comprar uma villa na Suissa, e viverem ali felizes.

John sentiu um fluxo de sangue no coração. Partir com ella, leval-a para bem longe ! Oh ! ella iria com elle, si naquelle momento elle lhe dissesse a verdade; John tinha a certeza disso. E o tentador e insidioso *tête-à-tête* teria proseguido se não fosse a chegada de um terceiro personagem, Monsieur Bergerac, que, ao estender a mão a John, disse-lhe:

— E' um prazer inesperado encontral-o. Ouvira dizer que estava fóra.

— Boato falso, como vê, replicou John. Descurando um pouco dos negocios, é verdade, como dizia ha pouco á minha senhora, mas ainda na brecha.

June convidou o Sr. de Bergerac a sentar-se e John, embora o nome lhe fosse extranho, poz-se a esgaravatar a memoria, porque aquella physionomia lhe era familiar. Quem seria elle?—indagava a si mesmo John, sentindo os olhos do individuo perscrutal-o de maneira singular. Afinal, quando o homem se levantou para deixal-os, e descansou as mãos no rebordo da mesinha, inclinando-se para June, um clarão illuminou o cerebro de John. Aquelle era o individuo que na mesma posição elle vira a discutir com a mulher na casa fronteira á sua e que depois a agarrára na garganta estrangulando-a, con-

(*Termina no fim da revista*)

HOMEM - MULHER - MATRIMONIO

Em breve poderão os nossos leitores satisfazer sua justa curiosidade vendo esse film, considerado uma das maiores producções até aqui realisadas na America do Norte. Concebeu-o e executou-o, o grande director de scena Allan Holubar, que confiou á sua propria esposa, Dorothy Phillips, o principal papel. *Homem - Mulher - Matrimonio* estuda a sujeição da mulher ao homem através das idades e mostra-nos os sacrificios, as asperas lutas que ella vem ha millenios sustentando para a sua dignificação e emancipação. Dorothy Phillips é uma artista perfeita e é de fórma magistral que nos dá a visão da mulher desde a troglodyta, até a dos nossos dias, companheira do homem e sua competidora muitas vezes nas lutas da intelligencia.

O film é de realisação grandiosa. Milhares de figurantes nelle tomam parte. Um dos quadros, representando uma dessas festas maravilhosas dos milionarios yankees, tem uma sumptuosidade raramente vista. E' emfim, uma producção cinematographica que vale pela idéa, pelo enredo, pelo luxo, pela technica, pela photographia e pelo desempenho. Faz parte do Programma Serrador, que, como os leitores vêem, vae de triumpho em triumpho, offerecendo obras primas ao publico brasileiro.

CARONA FILM

VON STROHEIM

(Caricatura de Luiz)

Robert Ellis e José Ruben (?) trabalham com Dorothy Dalton no drama de mysterios orientaes *Dark Secrets*.

☆ ☆ ☆

Colleen Moore, James Morrison e Eddie Philips trabalham sob a direcção de Frank Borzage no film Cosmopolitan *O 9º mandamento*.

☆ ☆ ☆

No film de Betty Compson, *The White Flower*, faz a linda artista o papel de uma mestiça hawaiana. Arline Pretty, Edmond Lowe, Edward Martindel e Leon Barry tomam parte.

☆ ☆ ☆

No film da Universal, *O corcunda de Notre Dame*, entram Lon Chaney, Patsy Ruth Miller, Norman Kerry, Tully Marshall, Raymond Hatton, Kate Lester, Harry Von Meter e Eulalie Jensen.

☆ ☆ ☆

Em *The Stranger's Banquet*, da Goldwyn, apparecem Hobart Bosworth, Ford Sterling, Nigel Barrie, Rockliffe Fellowes, Claire Windsor, Eleanor Boardman, Margaret Loomis, Lucille Ricksen, Stuart Holmes, Claude Gillingwater, Thomas Holding, etc.

☆ ☆ ☆

Barbara Castleton e Albert Roscoe são duas das principaes figuras de *The net*, da Fox.

☆ ☆ ☆

No Alaska ha vinte e seis cinemas.

ELEANOR BOARDMAN, escolhida pela Goldwyn por sua belleza, em concurso para fazer parte do grupo de seus artistas, é hoje uma triumphadora da téla. Já é uma estrella em menos de um anno.

☆ ☆ ☆

Em 1922 Gaston Glass tomou parte em dez films.

☆ ☆ ☆

Em *Souls for dale*, da Goldwyn, figuram Richard Dix, Claire Windson, Frank Mayo, Lew Cody, Barbara La Marr e Mae Busch.

☆ ☆ ☆

Pelo novo contracto de Rupert Hughes com a Goldwyn, esse director terá de escrever, dirigir, legendar e dar titulo ás suas producções.

☆ ☆ ☆

A Goldwyn vae filmar *A Viuva Alegre*, a conhecida opereta de Franz Lehar. Será adaptada á téla e dirigida por Eric Von Stroheim.

☆ ☆ ☆

The Stranger's Banquet, o primeiro film de Marshall Neilan para a Goldwyn, produziu nos dois primeiros dias em que foi exhibido no Capitol, de New York, quasi 24 mil dollars (cerca de 200 contos).

☆ ☆ ☆

The Tinsel Harvest, da Regal Pict., que passará através da Associated Exhibitors, é o primeiro dos seis films de Madge Bellamy para essa empreza. John Bowers, Hal Cooley, James Carrigan, Francelia Billington, Billy Beran, Otis Harlan e outros artistas tomam parte.

A linda Billie Dove, nova estrella da Metro.

☆ ☆ ☆

Com Priscilla Dean, em *The flame of Life*, trabalham Wallace Beery, Robert Ellis, Emmett King, Grace Degarro, Kathlyn Mc Guire e Beatrice Burnham.

☆ ☆ ☆

Em *The Huntchback of Notre Dame*, Patsy Ruth Miller faz o papel de Esmeralda, Raymond Hatton o de Gringoire e Lon Chaney o de Quasimodo.

☆ ☆ ☆

Em *My american Wife*, com Gloria Swanson, trabalham Antonio Moreno e Walter Long. O enredo desse film da Paramount se desenvolve em Buenos Aires e nelle se assiste a uma festa official na Casa Rosada. Director: Sam Wood.

George Fitz Maurice dirigindo uma scena do film Paramount, "To Have and to Hold".

LOUISE FAZENDA vae satisfazer uma de suas grandes ambições apparecendo em um papel serio no film *The beautiful and damned.*

☆ ☆ ☆

WANDA HAWLEY e JULIA FAYE apparecem no film de Jack Holt, *Nobody's Money*.

☆ ☆ ☆

Em *Drums of Destiny*, com Mary Miles Minter, trabalham George Fawcett, Casson Ferguson, Robert Cain, Bertran Grawby, Noble Johnson. A direcção é de Charles Maigne.

☆ ☆ ☆

MARIE PREVOST e KENNETH HARLAN annunciaram officialmente o seu noivado.

Um momento de descanso durante os trabalhos de filmação da "Impossible Mrs. Bellew" — Gloria Swanson, Robert Cain e Conrad Nagel.

THOMAS MEIGHAN e LILA LEE trabalham juntos em *The Ne'er do Well,* da Paramount, enredo de Rex Beach e direcção de Alfred Green.

☆ ☆ ☆

MILTON SILLS e ELLIOT DEXTER trabalham juntos em *Adam's Rib*, de Cecil B. de Mille. Algumas scenas desse film se desenvolvem na grande sala dos animaes anti-diluvianos do Museu de Historia Natural de New York.

☆ ☆ ☆

FLORA FINCH, aquella comediante muito feia, que viamos com o fallecido John Bunny, nas suas comedias, soffreu um accidente e machucou-se sériamente.

RUTH CLIFFORD nasceu em Rhode Island, a 17 de Fevereiro de 1900, foi educada no collegio religioso de Santa Maria, na mesma cidade. Fez a sua primeira apparição no cinema na velha companhia Edison. Tem 1,65 de altura, pesa 60 kilos, gosta muito de nadar, de jogar o *golf* e o *tennis*.

☆ ☆ ☆

ART ACORD está terminando o film em series *The Oregon trail*. Louise Lorraine é a *leading-woman*.

☆ ☆ ☆

WILLIAM DE MILLE dirige o film *Duly 39*, em que figuram Elliot Dexter, May Mc Avoy, Lois Wilson e George Fawcett.

☆ ☆ ☆

LIONEL BARRYMORE e ALMA RUBENS apparecem no film da Cosmopolitan, *Vendetta*, que os annuncios dizem ser uma edição modernisada de Monte Christo.

☆ ☆ ☆

Children of Jazz, com Jacqueline Logan, Nita Naldi, Conrad Nagel e Robert Cain será dirigido por Penrhyn Stanlaws.

☆ ☆ ☆

The Song of the Shadow é o segundo film de Pola Negri para a Paramount. A direcção será de Penrhyn Stanlaws. O galã: Elliott Dexter.

☆ ☆ ☆

CONWAY TEARLE depois de posar em *Bella Dona*, com Pola Negri, fará *The Rustle Silk* com Betty Compson. A direcção é de Fitzmaurice.

ANTONIO MORENO é o galã de Mary Miles Minter em *The trail of the Lonesome Pine*, da Paramount. Director: Charles Maigne.

☆ ☆ ☆

Já se annuncia o film futuro de Thomas Meighan, *White Hear*, como aquelle em que esse artista terá o seu melhor papel.

☆ ☆ ☆

A 8ª mulher de Barba Azul é o novo film de Gloria Swanson. O *leading-man* é Conrad Nagel.

☆ ☆ ☆

BERT LYTELL e BEBE DANIELS figuram juntos no film *The Exciters*.

☆ ☆ ☆

A Paramount já annunciava para o anno corrente os films de Wallace Reid, *Mr. Billings spends his dime* e *A gentleman of Leisure*.

☆ ☆ ☆

The law of lawless, com Dorothy Dalton e Charles de Rochefort, galã francez agora a trabalhar nos Estados Unidos, é dirigido por Victor Fleming.

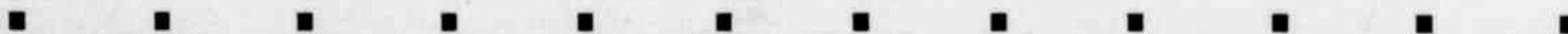
☆ ☆ ☆

The Glimpsses of the Moon é o primeiro film da Paramount sob a direcção de Allan Dwan. Nelle trabalham Bebe Daniels e Nita Naldi.

☆ ☆ ☆

The Snow bride nos fará ver Conrad Nagel como galã de Alice Brady.

Uma scena do film da Metro, "All the brothers are valiant", com Billie Dove.

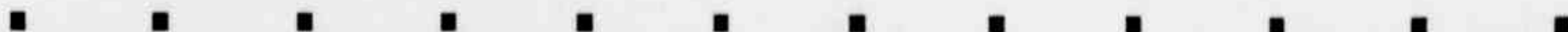
KATHLYN CLIFFORD

King Vidor firmou com a Goldwyn um contracto a longo prazo, pelo qual d'ora avante só dirigirá films para essa empreza. King Vidor é dos directores mais moços; tem 28 annos. Começou sua carreira cinematographica aos 18 annos em Galveston, Texas, quando conseguiu vender um argumento de film. Em 1914 foi para Los Angeles; foi operador, ajudante de director, actor. Em 1918 dirigiu *The Turn in the road* e depois *Jack Knife Man, The Sky Pilot, Better Times* e *Love never dies.*

O contracto de Mary Miles Minter com a Paramount está prestes a expirar, devendo volver ao palco a linda artista. Contractada pela Paramount, para substituir Mary Pickford, conta-se que o contracto feito naquelles bons tempos dos grandes ordenados dava á estrella 60 mil dollars por film (480 contos), de sorte que ella retira-se agora do cinema com uma magnifica fortuna.

☆ ☆ ☆

Em *Toby Tyler* apparece Jackie Coogan.

Um convite de Carl Laemle

Thomas Meighan e sua esposa, Florence Ring.

O director da Universal deseja a cooperação de todos os directores de scena de boa vontade e que dispondo de boas idéas não tenham recursos para pol-as em pratica.

Em carta dirigida a esta revista, solicita-nos elle, que façamos saber a quantos desejarem cooperar com a empreza que elle dirige, que a Universal desde que ache boa uma idéa apresentada concederá todo o auxilio necessario á sua realisação.

Diz elle em summa:

"A ambição é um dom pessoal naturalissimo em todo homem. Todos, ou quasi todos temos uma ambição especial que desejariamos realisar no decurso de nossa vida, tão curta entretanto! Os que não cultivam qualquer ambição são uns desgraçados, dignos de lastima...

Uma scena do film "All the broters were valiant", da Metro, com Lon Chaney, Billie Dove, etc.

....

Tenho a certeza de que cada director de scena tenha na cabeça, pelo menos, a idéa de um grande film que elle desejaria realisar. Espera o momento propicio, isto é, uma occasião de pôr no *studio* o seu maior desejo. Isso é que nem sempre elles conseguem por falta de recursos e se não pódem constituir companhia propria. Muitos, porém, não acham essa possibilidade e o seu sonho por isso se mantém sempre como simples sonho.

E' a esses que eu me dirijo especialmente. Com elles é que eu desejo entrar em relações. Penso que poderemos trabalhar juntos pelo bem commum.

Todo aquelle que ler este artigo, e que estiver nessas condições, escreva-me directamente. Dessa maneira poderão todos realisar o seu sonho, montando o film imaginado, ganhando com isso a gloria e a fortuna. Em nós, elle encontrará uma cooperação que lhe permittirá alcançar tudo isso."

Tal é em resumo a carta do director da Universal. Não haverá pelo Brasil quem queira?

☆ ☆ ☆

No novo film de George Melford, *Java Head*, trabalham Leatrice Joy, Jacqueline Logan, Raymond Hatton, George Fawcett e Albert Roscoe. O enredo é de Joseph Hergesheimer, o autor do famoso *Tol'able David*, um dos grandes successos da cinematographia norte-americana.

☆ ☆ ☆

Com David Powell, trabalha Agnes Ayres, em *The Beautiful Adventure*. O film é adaptação da peça de De Flers e Caillavet *La belle aventure*.

☆ ☆ ☆

Irving Cummings vae filmar *Os ultimos dias de Pompeia* para a F. B. O.

O CASAMENTO E OS ARTISTAS DE CINEMA

(BILL YOUNG))

A vida trabalhosa que levam as estrellas de cinema não é bem conhecida por todos. Muita gente imagina que as estrellas vivem no meio de divertimentos, do luxo, não raro em meios dissolutos. A muita gente parece impossivel conciliar a vida da artista com as occupações domesticas. "A arte, dizem outros, é incompativel com a organisação burgueza de familia". Algumas artistas, parece, são da mesma opinião. Pelo menos proclamam alto e bom som suas convicções a respeito. Outros não. Separam a sua vida artistica que em geral é mais trabalhosa do que divertida da domestica; e é no lar que buscam o descanso ao seu labor encarniçado.

Ha tempos uma estrella das de maior prestigio e renome declarou com franqueza, sob palavra de honra, não acreditar que emquanto se dedicar á arte muda tempo não lhe sobrará para se occupar de amor e casamento.

Os testemunhos mais recentes em favor desta conclusão foram dados por Geraldine Farrar, Constance Talmadge e Winifred Westmer. As duas primeiras publicaram os motivos que as fazem adherir a essas opiniões, achando naturalissimo que occorram frequentes divorcios e dissoluções de lares entre gente de cinema.

O casamento de Geraldine Farrar e Lon Tellegen é um exemplo perfeito da união entre duas pessoas distinctas e cultas.

A excellente actriz e melhor soprano encontrara um homem franco, agradavel e bom até o sacrificio. Marido e mulher viveram cultivando um affecto reciproco até o momento em que a arte muda exigiu a collaboração de Geraldine. Não foi o ideal de obter glorias e triumphos que desfez os nós do matrimonio, mas as condições especiaes em que ficou collocado o casal por motivo da arte e das obrigações por esta impostas.

O caso de Constance Talmadge não deixa de ser interessante. Contrahiu casamento por inclinação, com um homem como João Pialogolo, rico, jovem, com todas as condições para

(Termina no fim da revista).

Um dos ultimos retratos de Wallace Reid; o artista ensinando a Alfred Green a arte de empalmar um nickel. — Um acampamento de artistas. Em plena actividade mastigatoria em um dos intervallos da filmação do "Sheik".

UM CONCURSO ORIGINAL

A Motion Picture News, importante revista cinematographica norte americana, abriu, pelo Natal, um concurso realmente original e curioso. Constituido um jury de 96 pessoas de experiencia em materia cinematographica, passou elle a votar quaes as 12 figuras mais notaveis no campo dessa industria. Entre os membros do jury pódem ser citados: Rex Beach, William Brady, Ch. Christie, Jesse Hampton, W. W. Hodkinson, Rupert Hughes, Arthur Kane, Jesse Lasky, Jeannie Mc Pherson, Theodore Roberts, S. L. Rothafel, Lewis J. Selznick e Charles Urban, cujos nomes não são desconhecidos dos nossos leitores.

Foram classificados por esse jury como notabilidades: 1°, D. W. Griffith, o grande director de scena; 2°, Adolph Zukor, presidente da Paramount; 3°, Samuel L. Rothafel, veterano dos exhibidores norte americanos; 4°, Mary Pickford, a linda estrella; 5°, Charles Chaplin; 6°, Douglas Fairbanks; 7° George Eastman, o fabricante de films; 8°, Thomas Edison, o grande inventor; 9°, John D. Williams, administrador do First National; 10°, Will H. Hays, o dictador da industria cinematographica; 11°, Cecil B. de Mille, director artistico da Paramount; 12°, Carl Laemle, director da Universal.

Tiveram votos dispersos muitas outras individualidades: Rex Beach, Powers, Wil. Hart, Sam Goldwyn, Thomas Ince, Mac Sennett, William Fox, Rupert Hughes, John Emerson, William de Mille, Robert Vignola, Rex Ingram, Joseph Schenck, Maurice Tourneur, Ernest Lubitsch, Frank Lloyd, Marshall Neilan, etc., etc.

☆ ☆ ☆

CHARLES RAY, depois de terminar os seus dois films para a United, *The girl I loved* e *The Courtship of Miles Standish*, pretende abandonar o cinema, e talvez vá para o theatro.

☆ ☆ ☆

ALICE LAKE e EDNA MURPHY trabalham com Herbert Rawlinson em *Nobody's bride*, da Universal.

☆ ☆ ☆

Em *The face on the barrown floor*, da Fox, figuram Henry B. Walthall, Ruth Clifford e Alma Bennett. Jack Ford dirige.

☆ ☆ ☆

Com Hope Hampton, em *Does it pay?*, da Fox, trabalham Peggy Shaw, Mary Thurman e Robert T. Haines.

A linda artista da Metro, Billie Dove, após um ensaio de "box".

☆ ☆ ☆

WILLIAM DESMOND está gostando das series. Já se nos apresentou aqui em *Perigos de Yukon*, terminou recentemente *Around the world in 18 days* e vae trabalhar em *The phanton fortune*, todos da Universal.

☆ ☆ ☆

A Goldwyn calcula gastar 3 milhões de dollars para filmar *Ben Hur*, o famoso romance dos primordios do christianismo, devido á penna de Lewis Wallace.

AS TRES VINGANÇAS

(Fim)

ciaes jogando as cartas, e não supporia nunca que um prisioneiro fugido tivesse tal audacia. Ella viria buscal-o de madrugada. Assim foi feito. Ao clarear da manhã, procurando tomar altura da situação, Kent levantou-se e deparou na sala, em baixo, com um quadro horrivel: estendido no chão, morto, jazia Kedsty e encolhida sobre uma cadeira, com uma expressão de pavor no rosto livido, Marette. Vendo-o a rapariga gemeu:

— Meu querido Kent, não fui eu que fiz isso! Tu não o acreditas, não é?

— Não. Sei que não foste tu. E tu não sabes quem foi?

Ella não sabia, e o sargento tratou de fugir daquelle logar, onde novos perigos os ameaçavam. E começou para elles uma terrivel e arriscada corrida atravéz das montanhas cobertas de neve e semeadas de precipicios, em que Kent a cada passo tremia pela vida de Marette. Receio fundado, pois que num dos passos difficeis, sua companheira falseou o pé e rolou num abysmo, quasi perdendo a vida. Mas um mez após chegaram ao valle natal de Marette, onde Kent viveu dias de perfeita felicidade ao lado de Marette e de seu velho pae, alma rude e nobre de montanhez, para quem a filha era mais que a propria vida.

Uma noite conversavam ao redor da lareira, quando ouviram tropel de animaes, fóra. Estremeceram. — E' a policia, murmurou Marette, saltando para junto de Kent.

A porta abriu-se, o sargento ia atirar, mas deteve o gesto. Quem entrava era O' Connor, seu amigo, que vinha no cumprimento do dever. E como o fugitivo se entregava á prisão, Pierre Radison avançou e disse:

— James Kent não é culpado. Quem matou Barkley fui eu, quem matou Kedsty fui eu tambem. Houve um grito de espanto, e o velho contou: — Esperei-te longos annos Barkley! Tua figura encheu-me as noites de insomnia. Desde a primeira vez que tu viste minha esposa, comprehendi o teu olhar. Um dia que a apanhaste sosinha, a besta féra que eras revelou-se. Jurei matar-te onde te encontrasse. Cumpri o juramento. Todos ouviam em silencio. O velho fez uma pausa e proseguiu: — Tu eras, Marette, tudo quanto me restava. Prometti proteger-te contra todos os males e não se passou um minuto da tua vida, sem que eu estivesse vigilante. Quando partiste para o posto, eu te acompanhei. Seguia todos os teus passos. Vendo Kedsty olhar-te, lembrou-me o olhar máo de Barkley, quando elle viu minha mulher. Estremeci, mas eu estava ali para te defender. Vi, minha filha, o que se passou naquella noite, ao te retirares da casa delle, onde fôras occultar Kent. O tiro que partiu do escuro e que te salvou, eu o disparei. Matei esses dois homens para proteger as duas mulheres que eu amava.

E Pierre Radison, abateu pesadamente no sofá. Accudiram, mas elle fechára os olhos para sempre, com a alma em paz, porque sabia que Marette já não precisava mais da sua protecção.

Concursos cinematographicos do *PARA TODOS...*

Grande concurso de 1922

Como nos annos anteriores resolvemos abrir um concurso cinematographico indagando de nossos leitores suas preferencias sobre os artistas, films e marcas no decurso do anno de 1922. Para esse fim publicamos abaixo um "coupon" que destacado e preenchidos os claros nos deve ser devolvido até o dia 31 de Março futuro.

1ª—QUAL A ARTISTA QUE MAIS LHE ENCHEU AS MEDIDAS EM 1922?
2ª—QUAL O ACTOR QUE MAIS LHE AGRADOU EM 1922 ?
3ª—QUAL O MELHOR FILM DE 1922?
4ª—QUAL A MARCA QUE MELHORES FILMS APRESENTOU EM 1922 ?

Iremos publicando a votação á proporção que recebermos os votos.

Concurso do PARA TODOS

— 1922 —

1ª—*Qual a artista que mais lhe encheu as medidas em 1922 ?*

....

2ª—*Qual o actor que mais lhe agradou em 1922 ?*

....

3ª—*Qual o melhor film de 1922 ?*

....

4ª—*Qual a marca que melhores films apresentou em 1922 ?*

....

Data .... *(Assignatura)*

....

Cidade .... *Estado* ....

O CASAMENTO E OS ARTISTAS DE CINEMA

(Fim)

fazer feliz uma mulher. Sem embargo de tudo isso, a ruptura se produziu, não por desillusões reciprocas, mas porque a arte de Constance não se podia conciliar com o matrimonio.

De Winifred Westover e William Hart, sabe-se sómente que ainda não decorridos seis mezes do casamento e já era definitiva a separação.

Entretanto ha outras artistas que affirmam justamente o contrario.

Margueritte Clark por exemplo. Acha-se perfeitamente feliz dentro do matrimonio. Mas é preciso dizer que Margueritte mal se casou deixou de trabalhar para o cinema, só tendo feito um film, *Scrambled Wives.*

"Espero, diz ella, continuar a trabalhar para o cinema, mas não com frequencia, e obrigações contractuaes".

Hope Hampton affirma a quem quer ouvil-a, que se sente feliz perfeitamente feliz trabalhando para o cine, e que por nada deste mundo se casaria. Confessa ter tido um noivo, ao qual sua familia fazia grande opposição. Tinham até combinado fugir para contrahir casamento, quando Mrs. Hampton

propoz a Hope entrar para uma escola dramatica. Foi o sufficiente para que a rapariga disistisse do seu proposito e mandou o noivo á tabua. E depois, nunca mais se lembrou de qualquer compromisso amoroso.

Mary Pickford, May Murray e Betty Blythe negam em absoluto a incompatibilidade do matrimonio com a arte, affirmando que ambas pódem se harmonisar perfeitamente.

E' mistér relembrar que a arte muda é uma arte nova. Imagine-se se o não fosse... O thema é sério e não parece estar resolvido. Quem sabe o que nos mostrará o futuro ?

GRANDE FELICIDADE

(Fim)

forme constatou a policia no dia seguinte, sem poder descobrir a identidade do criminoso.

John sentiu ganas de correr a denunciál-o, mas comprehendeu a impossibilidade do seu impulso, diante da situação em que se achava. Era pois um assassino o homem que apertava a mão de June, e por quem a moça demonstrava tanta sympathia, a ponto de lhe dizer:

— Estou contente, James, que o tenhas recebido gentilmente. Sabes que sempre o estimei e não podia comprehender que não gostasses delle pelo facto de ser teu competidor em negocios.

Era, então, um rival commercial de seu irmão... Suspeitaria elle da troca de personalidade ? Que pretenderia elle fazer ? John resolveu cosultar o fiel secretario sem mais demora. Já se fazia noite e John não desejava prolongar por mais tempo o colloquio com June, a mulher de seu irmão, que estava francamente enamorada do "seu marido". Ao tomar o automovel, John comprou um jornal da tarde para a esposa se distrahir durante o caminho.

Depois de alguns instantes, June teve uma exclamação:

— Oh ! o *Caroltania* naufragou e quasi todos os passageiros pereceram. Que cousa horrivel !

John fez um grande esforço para se conter: James tomára passagem nesse navio !

Em seguida, June observou

— Ha na lista dos passageiros, um nome igual ao teu — John Dant ! Não será algum parente ?

John tartamudeou uma negativa, dando graças a Deus que a obscuridade não deixasse ver a pallidez que lhe descorava as faces. Ao chegar á casa John depoz June e virou o automovel, declarando que precisava ver Watson, seu secretario, para um negocio urgente.

Watson já lera a noticia e não tinha duvidas: James desapparecera para sempre. A unica cousa a fazer, proseguiu o secretario, era John continuar como si nada houvera. John e June eram os unicos herdeiros. Madame Dant fôra illudida até então e não faria mal que o fosse um pouco mais. O que era preciso é que a noticia da morte de James ficasse ignorada, do contrario seria fatal aos interesses da empreza chilena e da africana que estavam sendo ultimados. Si fôra importante aquella mystificação antes, agora mais do que nunca devia ser mantida.

E, na realidade, tudo continuou sem alteração, até que, certo dia, o criado lhe annunciou um visitante.

John leu o nome do cartão e franziu os sobrolhos, ordenando, após alguma hesitação, que o Sr. de Bergerac fosse introduzido. Bergerac entrou e foi direito ao fim:

— O senhor é um impostor, disse elle. O senhor é um irmão gemeo de James, que vive aqui sob seu nome, dirigindo seus negocios e intrujando a sua propria esposa. Agora, porém, elle morreu, e o senhor não tem o direito de proseguir nessa farça. Levarei o caso ao conhecimento das autoridades.

Mas John Dant, sem tremor na voz nem no olhar, redarguiu sereno:

— E eu irei ás autoridades competentes dizer que o senhor foi o homem que estrangulou a mulher na casa n. 12 da rua Paraiso, na tarde de 14 de Maio.

Monsieur de Bergerac saltou de pé, aterrado, supplicando que "pelo amor de Deus", John não o denunciasse. Mas, dominando a sua excitação, encarou friamente a John e disse: — O senhor é mais intelligente do que eu suppunha. Leva vantagem sobre mim, reconheço. Que diria si ambos guardassemos silencio ?

— Por emquanto serve, replicou John.

E despediram-se em apparente harmonia.

John deixou-se ficar ali engolfado em longa meditação. Quando se levantou seu rosto tinha uma expressão grave e severa: sua deliberação estava tomada. Continuaria a representar seu papel, até que estivesse certo de que a sua retirada não causaria damnos á fortuna que agora pertencia a June.

Uma noite John se encontrava na sala da bibliotheca com June. Fóra a tempestade ululava. John absorvia-se nos seus pensamentos, ouvindo a furia do vento nas janellas.

June approximou-se delle, sentou em um coxim a seu pés e occultando o rosto nos braços delle, murmurou com uma grande ternura:

— Eu te amo, meu querido ! Tens sido tão bom, tão delicado para commigo.

John não poude conter-se por mais tempo, todos os escrupulos se apagaram da sua consciencia e elle colheu nos braços a mulher, tremulo, agitado, só tendo sentidos para a grande, a inaudita felicidade daquelles momentos de absoluta communhão de almas, que duraria infinitamente, si uma gargalhada aspera e aguda não o arrancasse do torpor voluptuoso.

— Minha casa ! Minha esposa ! Meu irmão ! gritava a mesma voz que vibrara a risada.

John soltou um grito de terror e correu para o saguão, onde deparou com um criado a barrar o caminho a um individuo que procurava forçar passagem. O homem desvencilhou-se do criado e, veloz, penetrou na bibliotheca, por uma grande porta envidraçada, que ficára semi-cerrada. John correu tambem para aquella peça, e ali encontrou James Dant, de olhos esbugalhados, claudicante, balbuciando cousas sem nexo — verdadeiro farrapo humano, no qual se apagára a luz da razão. E sobre o canapé, estendida de travez, June jázia desmaiada. O pobre demente alheio a tudo, ensaiou alguns passos, mas vacillou, abriu a bocca num grunhido surdo e derreou o corpo num debil estertor. Apanharam-n'o, mandaram buscar o medico, mas suas palpebras não mais se abriram.

June voltou do estado de inconsciencia, trazendo ainda no rosto a anciedade e o horror que a scena lhe imprimira no espirito. Mas a presença de John, ajoelhado a seu lado, relaxou-lhe a contracção do semblante. E John com a maior calma e delicadeza contou-lhe toda a inverosimil historia, que lhe arrancou um suspiro e algumas lagrimas.

— Pobre homem ! exclamou ella. Lastimo-o sinceramente. Mas agora comprehendo, porque comecei a amar meu marido depois do casamento.

— E agora tu não me negarás a felicidade ? perguntou John ancioso.

— Não te negarei nada, meu caro. E o mundo não precisa saber do que se passou, não é verdade ?

— Que importa o mundo, ao lado da immensa felicidade que hoje começa para nós ? sussurrou com ternura John Dant.

SABONETE RIALTO

Progride sensivelmente entre nós a industria de perfumarias finas. E é sempre com prazer que noticiamos o apparecimento de uma nova marca de perfume, crême ou sabão, pois, vamos assim caminhando a passos largos para nos libertarmos da exportação estrangeira que até então dominou o mercado de perfumarias.

O Sabonete Rialto, para toilette, que acaba de ser lançado ao mercado, e tem como depositarios a conceituada firma Tinoco Machado & C. está destinado a um grande exito, pois, além da qualidade do sabão e perfume agradabillissimo, contem cada caixa um lindo e artistico chromo, como brinde desse magnifico sabão.

"Racing Hearts", de Byron Morgan, o autor dos films automobilisticos de Wallace Reid, foi feito especialmente para Agnes Ayres, Richard Dix, Theodores Roberts e Robert Cain.

✣

"Adão e Eva" é o novo film em que apparece Marion Davies sob a direcção de Robert Vignola.

✣

May Mc. Avoy e Theodore Roberts trabalham juntos em "The Grump", da Paramount. Hamim Ford é o "leadingman" da linda artista. A direcção é de William de Mille.

El Distinguido Ciudadano

TANGO MILONGA

por P. PAULOS (hijo)

REPERTORIO DA ORCHESTRA PICKMANN

p

D. C. al Fin
después Trio

TRIO

mf

cresc

f

p

cresc.

f

p

D. C al Fin

Graphologia

AVISO

Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal e outras, finalmente, escriptas a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente escriptos: a tinta, legalmente assignados e em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

ROMEU (Santos) — E' um intuitivo, mas com uma grande dose de senso pratico. Não tanto, porém, que lhe imponha um pouco mais de discreção, pois a verdade é que se entrega facilmente a expansões. E' vaidoso e um tanto colerico em certos e raros momentos da sua vida. Sua vontade parce fraca. E' apenas dissimulada. Fortes os seus instinctos sensuaes e muito escasso de bondade o seu coração.

JULIETA (Santos) — Está longe de ser a figura evocada pelo seu pseudonymo. Certo o seu coração é sensivel e mesmo bondoso. Mas é muito parco o seu idealismo e toda a sua força de vontade visa conquistas materiaes. Tem o espirito um tanto algido, quiçá contraditorio. Preoccupam-a muito a economia e a ambição dos bens de fortuna.

TRAVESSEZ (Rio) — Não nos podemos metter em funduras. O espaço e a quantidade incrivel de pretendentes do estudo andam sempre em antagonismo... Apenas lhe podemos dizer que não quereriamos negocios comsigo... E' falto de proprio, que ás vezes cae no ridiculo. Ha falta de "contrôle" na sua personalidade. Ella se desmanda muitas vezes e se torna prejudicial ao socego e ao interesse dos outros. E nada mais...

M. A. S. L. (Santos) — Tem a graphia dos fortes, rectos e simples, que vencem honradamente na vida. E' inimigo de hypocrisias, sinceramente expansivo, e tem uma vontade ferrea. Suas tendencias espirituaes são para a idealisação, mas sente-se incapaz de abandonar o lado material ou positivo, uma vez que é d'isso que lhe vêm os meios necessarios á sua relativa independencia. E' susceptivel de colera, quando os outros não seguem o bom caminho e se comprazem em o contrariar. E' franco de espirito e bondoso de coração.

LIANE (Nictheroy) — Espirito vibrante, proprio das naturezas intuitivas e apaixonadas. Apparenta preferencias pelas cousas praticas, mas logo se percebe que fica extraordinariamente contrafeita. Seu desejo seria viver num sonho constante. E' presumpçosa, embora de apparencia timida. Desconfia bastante e seu coração é dominado pelos impulsos egoistas.

BRANCA (Rio) — Postas as suas virtudes e os seus defeitos numa balança, não ha duvida de que pesariam mais aquellas. E' qua a sua ntelligencia, o seu coração e a sua vontade merecem menção honrosa, pois são o que ha de melhor. Entretanto, ha que censurar principalmente uma especie de vicio falador que a leva a excessos inconvenientes de expansibilidade. Perde por falar de mais.

ARIMA (Rio) — O que lhe falta em ternura de espirito sobra-lhe em senso pratico. E' ambiciosa, mas não vae além do que é viavel, mesmo porque não tem persistencia na força de vontade. Vaidade, sim, tem muita, porém, sabe graduar esse sentimento, de modo a se não tornar impertinente. E' bondosa de coração.

ENRIQUINHO (São Paulo) — O seu todo não deve estar longe do d'aquelles que aqui se chamam "almofadinhas". E' futil até mais não poder. Dentro do seu cerebro, não ha duas idéas que se firmem por mais de alguns minutos. E esse ar desassocegado, que poderia ser uma questão de nervos, corresponde á extraordinaria leviandade do seu espirito. Deve soffrer immensamente quando alguma cousa o retiver em sobria e prudente espectativa por mais de uma hora... E' extraordinaria a frieza do seu coração, e tanto no terreno do amor, como no da philantropia.

BURGEOIS (Rio) — Não tem nada de burguez. E' exquisito nos seus gostos palavra, naturalmente por excesso de bossa commercial.. Tem um vasto amor e na sua vida. Parece até que a originalidade é a maior preoccupação da sua vida. Vontade teimosa, mórmente em causa de um ideal. Escampam-lhe muito os factos materiaes — o que prova mais um afastamento do burguezismo.

ODOSVAL (Itu') — Instinctos sensuaes fortes e permanentes. Espirito curioso, vibrante, mas um tanto rude e material. Presumpção. Genio independente e caracter altivo. Vontade pouca firme, mórmente quando fôr preciso persistir. Bondade cordial precarissima.

X. O. X. (Rio) — Na sua graphia scintilla um bom espirito, cheio de illusões ingenuas. Percebe-se que é um grande sonhador, apezar dos constantes desenganos. E essa teimosia idealista não deixa de reflectir tambem uma grande bondade de coração. Comtudo, não permanecerá muito tempo nesse estado. Ha indicios de proxima mudança, talvez em consequencia de um acto sério da vida.

SOUZA (Sobral) — Sonhador, mas ao mesmo tempo impregnado de luxuria. Tem um pendor natural para a arte, mas não o cultiva. Cheio de amor proprio, parece achar humilhação na aprendizagem de qualquer cousa. O espirito é recto. Possue grandeza d'alma quando em face de quaesquer contrariedades — talvez effeito do apontado amor proprio. E' um tanto egoista de coração, mas generoso com os seus.

A PAGINA DOS NOSSOS LEITORES

Caro Sr. Operador.

Peço a publicação das seguintes linhas:

Lendo o penultimo numero de "Para Todos...". li na "pagina dos nossos leitores" o artigo da Sra. Miquinha, que muito apreciei; desses artigos é que essa pagina deveria constar (si bem que este não o seja); mas ao par delle vê-se um assignado pela Sra. Flôr de Lotus que pensando que dizia verdades, disse:

1º.) que Marie Prévost não é encantadora. Ora já se viu!

2º.) que Agnes Ayres não é tão linda como dizem; quizera muita moça ter o palminho de cara que ella tem;

3º.) que Betty Blythe nada tem de formosa e encantadora pelo menos em "Como se enganam as mulheres"; appareceu horrenda! Perdão aos seus admiradores; mas, o film parece-me que não enganou.

Enganou sim: dizer que Betty Blythe não é formosa, só porque numa certa parte d'um film seu papel assim o exigia, é querer occultar a verdade.

4º.) que Bebe Daniels não tem poesia, graça e belleza. Digam lá o que quizerem de Bebe mas negar-lhe a graça e belleza, isso não, e toda pessôa de bom senso, dirá o mesmo, que acabo de dizer.

5º.) Sessue Hayakawa, continua a Sra. Flor de Lotus, é formosissimo japonez; sympathico elle o é, mas formosissimo, perdôe-me a Sra. Flôr de Lotus, isso não é verdade.

....

Sobre o resto estou de accordo, si aqui lanço meu protesto com o que a Sra. Flôr de Lotus, escreveu é porque não posso ver dizer como sendo verdades coisas que não o são.

Conto que a Sra. Flôr de Lotus não ficará zangada.

GIL.

ANNO CINEMATOGRAPHICO DE 1922.

Não podemos dizer que foi máo o anno do Centenario sob o ponto de vista cinematographico; isso não, foi-nos o anno mais propicio até.

Vejamos as fabricas que fizeram parte do nosso pauperrimo mercado:

Paramount Pictures que é a melhor em todos os sentidos e a maior associação norte-americana de films, deu-nos afamados films, como "The affairs of Analól", "The Sheiz", "Beyord the Róch s", "Moran of the Rady Letty", "Enchantment", "The Gilded Lily" e innumeros outros admiraveis.

Vimos da Fox, Tom Mix, tiros, cavallos, cow-boys e mortes... William Farnum em films de enredo banal, Shirley Mason — a pequena, — Buck Jones, Estelle Taylor e Pearl White.

A Associated Producers mostrou-nos pelliculas de valor como "Lying Lups", "A Brohen Doll" "The ten dollars raine", etc.

Da Hodhinson agradaram "Jane Gyre", "The Cup of Life", "A Cerlain Rish Man" e tivemos a surpresa de rever a adoravel Irene Castle em um bom film "French Heels".

Do First National que aqui chegou por intermedio do Sr. Serrador, apreciamos films deliciosos de Constance e Norma Talmadge, Charles Ray, Nazimowa e Katherine Mc. Donald, a american beauty.

Deu-nos ares de sua graça a United Artists com "March of Zorro", "Little Lord Fountleroy", "The Love Flower" e "Dream Street" producções carissimas e bem interpretadas.

A Realart exhibiu-nos quasi todo o seu stock de comedias ligeiras com Bebe Daniels, Wanda Hanley, Mary Miles Winter e Mary Mc. Avoy.

Vimos alguns extras como "Peacock Alley" da Metro, "The Kid" com Charles Chaplin e o estupendo Jackie Coogan, poucas producções Associated Exhibitors e Pathé New York.

Da Universal admiramos o seu magistral "Foolish Wives" com Von Itroheim e Miss Du Part.

Xaropadas allemãs encheram o novo mercado.

E foi só mesmo porque a exiguidade dos nossos salões de exhibições não nos permitte apreciar o que de melhor tem o mercado americano.

Que o anno de 1923 seja mais feliz ainda e que nos appareçam a Metro Selznich e a Vitagraph é o desejo de todos os amadores dos bons programmas. — A. B.

Rio, - 17 - 1 - 923.

Cara amiga Flor de Lotus.

Li a sua carta dirigida ao Senhor Operador, e publicada no n. 213 do nosso querido "Para Todos...", e embora nada tenha com o caso, acho que as suas verdades têm tambem algumas mentirasinhas.

Não gostar de Bébé! Dizer que "não sabe que graça, que poesia e que belleza" ha nella, e muitas outras coisas parecidas.!

Será possivel que V. não visse "Gosando a vida", "Fazendo fita", etc.? Si não viu trate de ver outras fitas della e veja si ella não tem graça e naturalidade. Bébé Daniels não é bella, concordo, mas Gloria Swanson tambem não tem belleza nenhuma e seus "films" alcançam sempre grande successo. Pense um pouco e depois me responda.

Você já deve estar me achando muito cacete, mas eu quero lhe dizer mais algumas coisas.

Richard Barthelmess, o mais bello "astro" da tella......

Não é lá ter fuito gosto, não.

Arranje um retrato de Wallace Reid e outro de Rudolph Valentino e compare os tres.

Quanto a Marie Prevost, si V ainda é muito nova e nunca assistiu ás comedias da Mack Sennett, peça a alguma sua parenta mais velha, que lhe diga si relembra de Marie Prevost nas ditas comedias.

Está bem, por hoje chega amiga Flor de Lotus.

Não se zangue commigo e aceite um abraço da — PEARLY BLACK.

Leitura para todos, magazine mensal illustrado, variada collaboração, impressão de texto e clichés a côres. Preço: no Rio, 1$500 nos Estados, 1$700.

DYNAMOGENOL

O mais efficaz dos tonicos para o systema nervoso e muscular. O mais completo

ACCELERADOR DAS FORÇAS E DA NUTRIÇÃO

TONICO DOS NERVOS!
TONICO DO CORAÇÃO!

TONICO DOS MUSCULOS!
TONICO DO CEREBRO!

E' indispensavel a todos os individuos cujo trabalho produza a fadiga cerebral, taes como: literatos, jornalistas, padres, professores, empregados publicos, estudantes e guarda-livros. O DYNAMOGENOL é de resultados surprehendentes nos seguintes casos:
TUBERCULOSE — ANEMIA — CHLORO-ANEMIA — FLORES BRANCAS — FADIGA CEREBRAL — HYSTERISMO — NERVOSO — VERTIGENS — BRONCHITES CHRONICAS — PALLIDEZ — IMPOTENCIA — INSOMNIA — PALUDISMO — PERDAS SEMINAES — CONVALESCENÇA — MAGREZA — DORES DE CABEÇA — FALTA DE APPETITE — FRAQUEZA GERAL — SUORES NOCTURNOS — MÁ DIGESTÃO, ETC.

DYNAMOGENOL

As parturientes não devem deixar de tomar o DYNAMOGENOL, durante a gestação e após a delivrance, pois assim conseguem filhos robustos e ter abundancia de leite rico em phosphato, graças a esta inegualavel preparação. Um só vidro de DYNAMOGENOL representa para a senhora que amamenta mais vantagens que uma duzia de garrafas d'Agua Ingleza.

—

Vende-se em todo o mundo!
Deposito:
RUA SETE DE SETEMBRO n. 186

Offs. Graphicas d'O MALHO